



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**GILKA BARBOSA GONZAGA**

**A TRAJETÓRIA DO POVO AFRICANO ESCRAVIZADO E A INFLUÊNCIA DE  
SUA CULTURA NA FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO**

CAMPINA GRANDE – PB

2011

**GILKA BARBOSA GONZAGA**

**A TRAJETÓRIA DO POVO AFRICANO ESCRAVIZADO E A INFLUÊNCIA DE  
SUA CULTURA NA FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: prof. MSc. Matusalém Alves Oliveira.

CAMPINA GRANDE – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

G642t            Gonzaga, Gilka Barbosa.  
                    A trajetória do povo africano escravizado e a influência  
                    de sua cultura na formação do povo brasileiro [manuscrito]:  
                    /Gilka Barbosa Gonzaga. – 2011.  
                    78 f.: il. color.

                    Digitado.  
                    Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
                    História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
                    Educação, 2011.

                    “Orientação: Prof. Me. Matusalém Alves Oliveira,  
                    Departamento de História”.

                    1. Cultura - Africana 2. Escravidão 4. Povo  
                    brasileiro I. Título.

21. ed. CDD 306

**GILKA BARBOSA GONZAGA**

**A TRAJETÓRIA DO POVO AFRICANO ESCRAVIZADO E A INFLUÊNCIA DE  
SUA CULTURA NA FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciamento em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em 28/11/2011.



Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira / UEPB

ORIENTADOR



Prof. Ms. Wellington Wanderley Gonçalves de Lima / UEPB

EXAMINADOR



Profª Ms Maria Giseuda Nascimento Limeira / UEPB

EXAMINADORA

CAMPINA GRANDE – PB

2011

Ao meu pai (*in memoriam*), minha mãe e meu noivo pela  
paciência, companheirismo, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

À Auricélia Lopes Pereira, coordenadora do curso de Licenciatura de História da Universidade Estadual da Paraíba, pelo seu empenho.

Ao professor Ms Matusalém Alves Oliveira pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe Maria Barbosa, meu noivo Bruno Kowak e meus irmãos Gama e Garibalde pela compreensão por minha ausência em muitas circunstâncias no período da elaboração da presente monografia.

Ao meu pai(*in memorian*) e minha avó(*in memorian*), embora fisicamente ausentes, sentia suas presenças ao meu lado me dando força.

Aos funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, em especial a secretária da coordenação do curso, Maria do Socorro Moraes Amorim que por tantas vezes me atendeu com tanto carinho e dedicação. À Epitácio e Vera que por inúmeras vezes tiravam xerox com tanta presteza.

Aos colegas de sala pelos momentos de amizade e apoio.

*“Em vez de registrar simplesmente o fracasso dos negros frente às tantas e inumeráveis injustiças sofridas, a história devia registrar a sua vitória em tudo o que eles foram capazes de fazer para incorporar-se à cultura brasileira”.*

(EMANUEL ARAÚJO, 2007)

## RESUMO

A presente monografia teve como objetivo principal mostrar a trajetória do negro escravizado e a influência de sua cultura para a formação do povo brasileiro, analisando as diversas manifestações culturais de origem africana adaptadas no cotidiano do povo brasileiro. Objetiva também realizar um breve estudo sobre a cultura africana em seus diversos aspectos; além disso, busca-se descrever a trajetória do povo africano escravizado até a sua chegada ao Brasil, bem como sua participação no desenvolvimento cultural e econômico do país. Diante disso, pode-se constatar que o povo africano tem uma trajetória de lutas e sofrimento através da escravidão que inicia-se dentro da África e ultrapassa os limites continentais. No entanto, sua diversidade cultural os acompanhou ao longo do tempo. O povo africano guarda, principalmente, na religião o respeito pelas manifestações culturais de suas etnias. Além disso, a música, a dança, a arte, assim como lendas e folclores são elementos que têm uma forte presença nos vários rituais e festividades. Esse imenso patrimônio cultural que advém desde sua origem através da interação de muitas etnias, mais de 2.000, que possuem os mais variados modos de organização socioeconômica, política e cultural, contando também com uma infinidade de fluxos migratórios populacionais e trocas entre povos nas mais diferentes fronteiras e espaços do continente. Sua migração para outros países fez com que essa diversidade cultural fosse espalhada, tomando novas formas de manifestações adaptadas ao ambiente, a qual os africanos eram submetidos a viverem de maneira desumana. No Brasil, a influência da cultura africana teve início com a chegada dos escravos trazidos pelos portugueses, para trabalharem nas lavouras e em serviços domésticos. Era o início da colonização brasileira que teve influência tanto dos portugueses, holandeses, espanhóis, mas, principalmente dos africanos que foram responsáveis pela criação de várias manifestações culturais do Brasil. A dança, o ritmo, a música, a religião e até a língua africana foram incluídos nos rituais e festividades do Brasil e se encontram presentes até os dias atuais.

Palavras-chave: Povo africano. Escravidão. Cultura. Povo brasileiro.

## ABSTRACT

The present paper aimed to show the main trend of the black slave and the influence of their culture to the formation of the Brazilian people, analyzing the various cultural manifestations of African origin adapted in the routine of the Brazilian people. It also aims to conduct a brief study of African culture in its various aspects, in addition, it seeks to describe the trajectory of the African people enslaved until its arrival in Brazil, as well as their participation in cultural and economic development of the country. Thus, it can be seen that the African people has a history of struggle and suffering through slavery that begins in Africa and beyond the continental limits. However, its cultural diversity followed them over time. The African people guard, especially in religion, respect for cultural events of their ethnicities. In addition, music, dance, art, legends and folklore as are elements that have a strong presence in various rituals and festivities. This vast cultural heritage that stems from its origins through the interaction of many ethnicities, more than 2,000 who have the most varied modes of socioeconomic organization, political and cultural, also featuring a plethora of migration and population exchanges between people in many different borders and spaces of the continent. Their migration to other countries meant that cultural diversity was spread, taking new forms of expressions adapted to the environment, which Africans were subjected to inhuman way of living. In Brazil, the influence of African culture began with the arrival of slaves brought by the Portuguese to work in plantations and in domestic services. It was the beginning of the Brazilian colonization that have influences both the Portuguese, Dutch, Spanish, but most of the Africans who were responsible for the creation of several cultural events in Brazil. Dance, rhythm, music, religion and even the African language were included in the rituals and festivities in Brazil and are present even today.

Keywords: African people. Slavery. Culture. Brazilian people.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01.</b> Arte rupestre mostrando o famoso leão com a longa cauda que termina em garra de um felino .....	16
<b>Figura 02.</b> Máscaras africanas .....	18
<b>Figura 03.</b> Anansi é um dos mais importantes personagens do folclore africano .....	20
<b>Figura 04.</b> Capoeira, uma luta com “disfarce” de dança .....	22
<b>Figura 05:</b> Schikatt, dança de “conteúdo erótico” .....	23
<b>Figura 06.</b> Gwana dança com significado simbólico.....	24
<b>Figura 07.</b> Guedra, dança de possessão .....	24
<b>Figura 08.</b> Ahouach, dança coletiva com ritmo berbere.....	25
<b>Figura 09.</b> Ilustração de escravos domésticos capturados .....	33
<b>Figura 10.</b> Escravos africanos do Islã.....	34
<b>Figura 11.</b> Ilustração das navegações portuguesas .....	35
<b>Figura 12.</b> Ilustração dos porões dos navios que traziam os escravos para o Brasil .....	38
<b>Figura 13.</b> Senzala, moradia dos escravos no Brasil .....	41
<b>Figura 14.</b> Ilustração mostra os escravos trabalhando no engenho das fazendas.....	42
<b>Figura 15.</b> Ilustração mostra o trabalho de mineração dos escravos .....	43
<b>Figura 16.</b> Escravos trabalhando nas ruas da cidade .....	44
<b>Figura 17.</b> Ilustração da festa do Rosário em Minas Gerais.....	53
<b>Figura 18.</b> Ilustração de um Cortejo Fúnebre das Irmandades em Porto Alegre .....	54
<b>Figura 19.</b> Ilustração do culto aos orixás no candomblé .....	57
<b>Figura 20.</b> Ilustração da manifestação de bumba-meu-boi.....	59
<b>Figura 21.</b> Ilustração do congado nas ruas da cidade .....	60
<b>Figura 22.</b> Ilustração da dança do jongo.....	61
<b>Figura 23.</b> Ilustração da dança lundu.....	63
<b>Figura 24.</b> Maracatu nas ruas de Recife .....	64
<b>Figura 25.</b> Ilustração do samba como dança .....	65
<b>Figura 26.</b> Ilustração da Capoeira.....	67

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO I – A DIVERSIDADE DA CULTURA AFRICANA</b> .....	14
1.1 REPRESENTATIVIDADE ARTÍSTICA NA CULTURA AFRICANA.....	15
1.2 OS IDIOMAS NA CULTURA AFRICANA.....	18
1.3 LENDAS E FOLCLORES NA CULTURA AFRICANA.....	20
1.4 A MUSICALIDADE AFRICANA IDENTIFICADA EM SEUS RITMOS E DANÇA.....	21
1.5 A RELIGIOSIDADE DO POVO AFRICANO .....	26
<b>1.5.1 Os Ritos das Religiões Tradicionais</b> .....	27
<b>1.5.2 Elementos das Religiões Tradicionais</b> .....	28
<b>1.5.3 A Presença dos Orixás na Religião Africana: Os Deuses do Candomblé</b> .....	29
<b>CAPÍTULO II – A TRAJETÓRIA DO POVO AFRICANO PARA O BRASIL:</b>	
<b>UMA HISTÓRIA DE ESCRAVIDÃO</b> .....	31
2.1 A ESCRAVIDÃO DO POVO AFRICANO .....	31
2.2 A CHEGADA DOS AFRICANOS NO BRASIL: DESTINOS INCERTOS.....	36
2.3 INSTALAÇÃO DOS AFRICANOS NO BRASIL.....	39
2.4 A VIDA DOS AFRICANOS NO BRASIL.....	41
2.5 MISCIGENAÇÃO: O SURGIMENTO DO POVO BRASILEIRO.....	47
<b>2.5.1 Miscigenação Cultural</b> .....	49
<b>CAPÍTULO III – UM BRASIL AFRICANO: O SURGIMENTO DA CULTURA</b>	
<b>AFRO-BRASILEIRA</b> .....	50
3.1 A RELIGIÃO AFRICANA NO BRASIL: O SINCRETISMO FORÇADO .....	50
<b>3.1.1 As Irmandades Negras</b> .....	52
<b>3.1.2 O Candomblé</b> .....	56
3.2 DANÇAS E RITMOS .....	58
<b>3.2.1 Bumba-meu-boi</b> .....	58
<b>3.2.2 Congado</b> .....	59
<b>3.2.3 Jongo</b> .....	61
<b>3.2.4 Lundu</b> .....	62
<b>3.2.5 Maracatu</b> .....	63
<b>3.2.6 Samba</b> .....	65

<b>3.2.7 Capoeira</b> .....	67
3.3 CULINÁRIA .....	69
3.4 LÍNGUA.....	70
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	72
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	74

## INTRODUÇÃO

A cultura e os valores sociais do povo africano possuem uma enorme diversidade e representatividade naquele continente. Certas manifestações culturais praticadas pelos africanos são consideradas leis e estão enraizadas nas mais diferentes etnias que formam a nação africana.

A utilização de símbolos e ritos que dão significado a cada acontecimento do universo faz com que a cultura africana seja vista de forma integrada, ou seja, há sempre uma interligação entre as manifestações artísticas, folclóricas, rítmicas e, principalmente religiosas para dar sentido aos diversos eventos presentes na história da África. As máscaras, os tambores, os orixás e as danças fazem parte da mais autêntica expressão artística e cultural de um povo guerreiro por natureza.

No entanto, grande parte dessa riqueza cultural foi sufocada pela influência do nacionalismo árabe ao imperialismo europeu que submeteram os africanos a uma escravidão em massa. O povo africano além de escravos das próprias tribos, foram por muito tempo, também escravos do islamismo e dos europeus, fazendo com que houvesse uma dispersão étnica numa tentativa da descaracterização da África como povo sólido e legítimo.

Este fato determinou a história do povo africano, pois essa convivência por muito tempo com a escravidão e o sofrimento que ela lhe causou foi motivo para que a cultura da África, de certa forma, se fortalecesse como única herança a ser defendida quando foram retirados de sua terra de origem para serem levados para terras distantes.

Foi através desse processo de retirada, definida como diáspora que muitas das manifestações culturais que emanaram da África foram espalhadas pelo mundo. Com os negros, seguiu a sua religião, presente na identidade étnica dos africanos em quase todas as expressões culturais. Além disso, a arte, o idioma, as lendas, o folclore, e, principalmente a música que insere os ritmos e as danças, bem como os festejos foram fortes elementos que influenciaram povos de todo o mundo, principalmente, o povo brasileiro.

Neste contexto, pode-se afirmar, com relação ao Brasil, que a cultura que cerca seus habitantes é uma herança social provinda, em grande parte dos negros, apesar de outros povos deixarem vestígios evidentes de suas culturas. Porém, os africanos trouxeram a cultura enraizada através de sua trajetória pelo Brasil e em sua história carregada de sofrimentos e preconceitos que se perpetuam até os dias de hoje.

Vale salientar que, dentre os países que foram habitados pelos escravos africanos, o Brasil foi o país que mais se adequou aos seus costumes e à sua cultura, pois, por muito

tempo, o negro foi a maior população que ocupou as terras brasileiras. O povo brasileiro adotou as diversas culturas africanas em sua bagagem cultural, na música, na religião, no modo de falar, entre outros aspectos.

Vale ressaltar que a diversidade cultural brasileira se construiu durante sua colonização, na qual os portugueses encontraram sua principal fonte de trabalho nos negros escravizados que foram trazidos para o Brasil juntamente com suas esperanças, planos, o seu patrimônio cultural.

Segundo Batista e Carvalho (2009) os negros feitos escravos e trazidos para o Brasil deixaram como marca de um povo, sua cultura que orgulha não somente as pessoas que são definidas como descendentes afro-brasileiros, mas a todos os que vivem neste país. As tradições, costumes, fatos e mais uma infinidade de coisas foram enraizadas de forma concreta através das gerações.

No entanto, a história do negro no Brasil, em sua maioria, sempre trata do período da escravidão e os horrores do caminho percorrido, e menciona apenas de modo superficial a riqueza cultural deixada pela população negra. Desta forma, se faz necessário a realização de um trabalho de caráter histórico para resgatar e identificar aspectos relacionados à cultura africana e sua importância para o povo brasileiro.

Sendo assim, este estudo tem como objetivo principal mostrar a trajetória do negro escravizado e sua influência na formação da cultura brasileira, analisando as diversas manifestações culturais de origem africana adaptadas no cotidiano do povo brasileiro. Objetiva também realizar um breve estudo sobre a cultura africana em seus diversos aspectos; além disso, busca-se saber qual a sua participação no desenvolvimento cultural e econômico do país.

Neste sentido, através de uma breve pesquisa histórica, será composto o referencial teórico, dispostos três capítulos distintos. No **Capítulo I**, será realizado um levantamento sobre a diversidade da Cultura Africana, mostrando as principais manifestações culturais de origem daquele continente; No **Capítulo II** busca-se fazer um relato histórico sobre a trajetória do povo africano como escravo até a vinda para o Brasil, além de mostrar a importância da presença negra como instrumento de construção e desenvolvimento nacional; Por fim, no **Capítulo III** serão expostas as principais manifestações que sofreram a influência da cultura africana na formação da cultura do povo brasileiro, revelando assim, um Brasil africano, com o surgimento da cultura afro-brasileira.

Para tanto, a metodologia empregada neste trabalho teve como base uma abordagem teórica, fazendo-se uso de análises bibliográficas através de consultas a livros, artigos,

revistas, sites etc. O tipo da pesquisa é exploratório para que seja proporcionada uma maior familiaridade com o problema levantado.

Serão dispostas as considerações finais com dados relativos aos conhecimentos adquiridos na obtenção dos objetivos propostos para a realização do estudo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### CAPÍTULO I – A DIVERSIDADE DA CULTURA AFRICANA

A cultura e a forma de vida em geral dos indivíduos, possuem uma função essencial na transformação e no desenvolvimento das estruturas sociais. O cotidiano em uma sociedade organizada é capaz de influenciar na convivência das pessoas através das representações culturais. Portanto, ao analisar a cultura de qualquer sociedade, é necessário descobrir suas crenças, valores, mitos, tabus, histórias, gestos e artefatos que os levam ao objetivo global da organização.

Segundo Silva (2001), na sociedade primitiva, cultura tinha o significado de que diferentes grupos de pessoas possuem diferentes estilos de vida. Atualmente, considera-se que a cultura na sociedade varia de acordo com o estágio de desenvolvimento das estruturas, suas condições externas e internas, não sendo algo estático e permanente imposto sobre as situações, mas que sofre alterações e desenvolve-se durante o curso das interações sociais.

A cultura de um país é formada pelos hábitos e costumes de cada um dos seus habitantes ao longo do tempo, podendo identificar uma raça ou uma nação. Para Grigoletto (2008, p. 12), “Cultura é um conjunto de valores nos indivíduos de uma determinada sociedade, transmissíveis de forma não biológica”.

Sendo assim, pode-se constatar que as manifestações culturais de um povo são as mais diversas e inclui os valores morais e éticos, comportamento, preferências, invenções e todas as maneiras de ser, bem como a sua linguagem, as festas, as lendas e folclores, os ritmos, as danças e a culinária (GREINER, 2008).

Além disso, as culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social (BRASIL, 2001).

Neste contexto, a África caracteriza-se por possuir uma complexa variedade cultural que está enclavada em muitos países que integram esse Continente. Para Nascimento (2008), quando se fala em África geralmente colocamos dúzias de estados independentes, dezenas de etnias diferentes e centenas de “culturas” distintas na mesma panela conceitual.

Junto com a cultura, os valores sociais africanos também são vastos em sua diversidade, variando desde o patriarcado extremo até o matriarcado extremo, algumas vezes

em tribos vizinhas. Por outro lado, a cultura africana moderna é em grande parte constituída de respostas ao nacionalismo árabe e ao imperialismo europeu.

Neste aspecto, Lima (2004) afirma que o povo africano possui um imenso patrimônio cultural que advém desde sua origem através da interação cultural mais de 2.000 povos diferentes, que possuem os mais variados modos de organização socioeconômica, política e cultural, contando também com uma infinidade de fluxos migratórios populacionais e trocas entre povos nas mais diferentes fronteiras e espaços do continente.

Afirma ainda Appiah (2001) que a África é um continente portador de muitas expressões culturais, que podem variar conforme a matriz cultural ou origem do grupo, conforme a região, a organização social, política, e, mesmo, de acordo com as relações que os grupos estabelecem com o meio ambiente.

Contudo, grande parte da rica cultura africana tradicional foi empobrecida como resultado de anos de negligência e supressão dos regimes coloniais. Mesmo assim, pode-se destacar várias manifestações culturais emanadas da África para o mundo, como, por exemplo, a religião, presente em quase todas as expressões do povo africano, como a arte, o idioma, as lendas e o folclore, e, principalmente a música que insere os ritmos e as danças, bem como os festejos.

## 1.1 REPRESENTATIVIDADE ARTÍSTICA NA CULTURA AFRICANA

Entendendo que os aspectos culturais e sociais estão intrínsecos na arte de uma dada sociedade, é imprescindível que, ao apresentar, analisar e refletir sobre esta arte se considere a realidade sociocultural nela circunscrita.

Desta forma, as pesquisas realizadas nos últimos anos vêm buscando situar as obras artística dentro da cultura africana, abordando historicamente cada povo, nação, reino, para revelar produções de alta definição estética e técnica (ARBOLEYA, 2008).

A arte africana possui características que lhes são peculiares. A obra aparece como um bem coletivo útil e sagrado, no qual está inserido no cotidiano das pessoas que a produz; o “belo” deve ser apreciado por todos; e não por um grupo seletivo, como acontece na sociedade ocidental. A arte ocidental é uma criação individual, em que o artista tem que expressar toda sua individualidade para se destacar dos demais (FERREIRA, 2009).

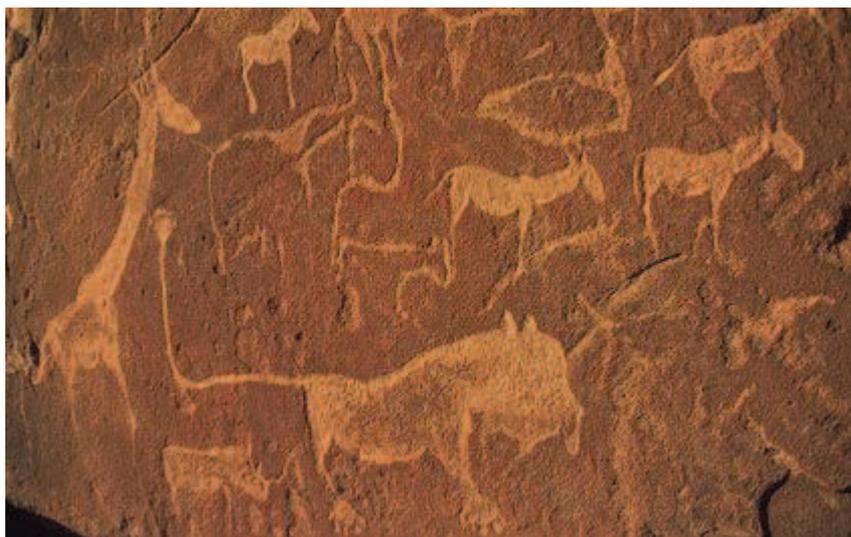
Vale ressaltar, inicialmente, que as primeiras manifestações de artes na cultura africana tem sua representação na arte rupestre encontrada naquele continente, por ter uma grande variedade de obras, algo em torno de 100 mil sítios, pertencentes a épocas mais

recentes especificamente na África do Norte, África Oriental e Austral e no ocidente africano Central.

A arte rupestre consiste numa composição primária utilizada para se ilustrar sonhos e cenas do cotidiano. Símbolos da vida, da morte, de céu e da terra foram encontrados nas paredes cálidas das cavernas. Essas pinturas são as primeiras formas que o ser humano encontrou para deixar seus vestígios.

Segundo Ferreira (2009), com relação à arte rupestre, há estudos que comprovam a existência de pinturas rupestres na Namíbia que datam de mais vinte mil anos; e que no norte da Nigéria, no primeiro milênio a.C., já se produziam esculturas de terracota.

A Namíbia tem uma longa e rica história. Os milhares de pedras pintadas e gravadas em todo o país são uma parte importante desse patrimônio (Figura 01). Esta arte representa o surgimento de uma nova forma de expressão de toda a raça humana.



**Figura 01.** Arte rupestre mostrando o famoso leão com a longa cauda que termina em garra de um felino.

**Fonte:** [http://www.girafamania.com.br/primitiva/rupestre\\_namibia.html](http://www.girafamania.com.br/primitiva/rupestre_namibia.html)

Essa representatividade mostra a diversidade da arte africana dentro da cultura de seu povo, o qual se identifica com o seu cotidiano através de caricaturas pictóricas gravadas nas pedras.

Com relação às artes plásticas, as obras encontradas na África que são vistas nos livros e coleções são produtos desenvolvidos ao longo de séculos. Sejam esculpidos, fundidos, modelados, pintados, trançados ou tecidos, os objetos da África nos mostram a diversidade de técnicas artísticas que eram usadas nesse continente imenso, e nos dão a dimensão da quantidade de estilos criados pelos povos africanos (SALUM, 2005).

No entanto, a tradição de obras artísticas da cultura africana destaca-se principalmente com os trabalhos em madeira, bronze e couro, incluindo esculturas, pinturas, cerâmica, máscaras cerimoniais e vestimentas religiosas.

Segundo Góis (2009), na cultura africana sempre se deu ênfase a aparência das pessoas, através das joias, colares, braceletes e anéis que permaneceram como um acessório pessoal importante. Esses acessórios estão ligados também às manifestações religiosas africanas. Os adornos são componentes fundamentais nos diversos rituais. As obras de arte africanas e a religiosidade estão intimamente interligadas.

A esse respeito, Rodrigues (2010) afirma que o conjunto de obras de arte africanas perde o sentido quando dissociados da religião, transfigurando-se em objetos de ornamentação cuja manutenção está no caráter exótico.

Dentre as expressões artísticas africanas, uma tem uma forte ligação com os rituais religiosos, trata-se das máscaras. Segundo Ferreira (2009), as Máscaras nas comunidades africanas, geralmente, estão ligadas a rituais religiosos, de guerra, de fertilidade da terra e até mesmo de entretenimento, elas são criadas para serem vistas em movimento.

Neste contexto, as máscaras são objeto artístico da cultura africana, feitas com desenhos elaborados e constituem parte importante da arte africana, apesar de não representar fielmente o rosto, tendo um formato abstrato.

Diferentemente das máscaras da sociedade ocidental, para as comunidades africanas toda a indumentária que cobre o corpo do mascarado é considerada máscara; e geralmente são os homens quem dançam mascarados.

As máscaras africanas geralmente são esculpidas em madeira, a sua confecção passa por rituais desde a escolha de quem vai confeccioná-la até o ritual de purificação pelo qual o escultor irá passar, para que possa a partir daí, nascer uma nova máscara em substituição de outra. Quando essas máscaras estão expostas em algum museu, toda essa sacralidade não é visível aos olhos do público, conforme mostra a Figura 02, as pessoas só podem observá-las enquanto escultura, mas, a estética dessa escultura tem algo de diferente (FERREIRA, 2009).



**Figura 02.** Máscaras africanas.  
Fonte: Ferreira (2009)

Vale salientar que as características tão singulares da arte africana fizeram com que durante muito tempo ela fosse vista pelo ocidente como uma "arte inferior". Não se considerou o fato de que a arte por ser produção humana, é diversa. Os ocidentais analisavam a obra de arte africana dentro dos seus próprios parâmetros, dentro da sua concepção do "belo universal" (FERREIRA, 2009).

## 1.2 OS IDIOMAS NA CULTURA AFRICANA

Idioma é a língua falada de cada povo, tem suas expressões e reflexões próprias e características. Os idiomas do mundo foram agrupados em famílias de línguas que têm semelhanças. Os maiores grupos são as línguas indo-europeias, línguas afro-asiáticas e as línguas sino-tibetanas.

Neste aspecto, em estudos realizados com relação ao estudo da língua falada na África, foram constatados mais de 1.000 idiomas, que têm suas origens basicamente em duas regiões: a região Banto, situada ao longo da extensão sul da linha do equador e a região Oeste-africana ou "Sudanesa", que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria.

Segundo Castro (2005), a região Banto compreende um grupo de 300 línguas muito semelhantes, faladas em 21 países: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Malavi, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul.

Quanto às línguas Oeste-africanas, chamadas de “Sudanesas”, as mais importantes foram as línguas da família *kwa*, faladas no Golfo do Benim. Era uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais concentrados no sudoeste da Nigéria (*ijexá, oió, ifé, ondô* etc.) e no antigo Reino de Queto (Ketu). Seus principais representantes foram os *Iorubás* e os povos de línguas do grupo *ewe-fon* que foram conhecidos como de minas ou *jejes* (CASTRO, 2009).

Com relação à divisão idiomática africana, de acordo com Castro (2009), existem quatro principais famílias linguísticas:

- A família afro-asiáticos: são uma família de em torno de 240 línguas e 280 milhões de africanos;
- A família linguística nilo-saariana: consistem em mais de 100 idiomas falados por em torno de 30 milhões de pessoas principalmente no Chade, Etiópia, Quênia, Sudão, Uganda e Tanzânia;
- A família linguística niger-congo: cobre a maior parte da África subsaariana;
- A família khoisan: compreendem em torno de 15 línguas e são faladas por aproximadamente 120 mil pessoas no sudoeste da África.

No entanto, apesar dessa notável diversidade de línguas, todas elas têm uma origem comum que é a grande família linguística Níger-Congo. Logo, são todas línguas aparentadas. Além disso, a origem da maioria dos idiomas é africana, no entanto as conquistas através das navegações principalmente por países como Portugal, Inglaterra e França fizeram com que outras línguas fossem inseridas na comunicação do povo africano, levando-as a adotarem tais línguas como oficial nos países da África.

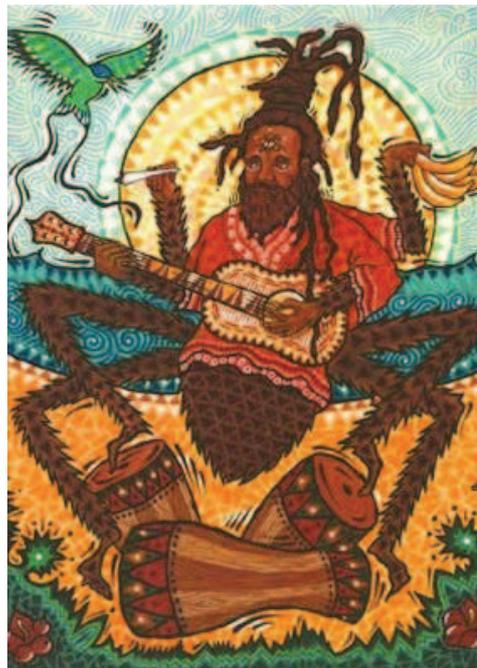
Vale salientar que o povo africano hoje em dia também usam línguas de origem nativa, ou seja, a língua oficial desses países não é a língua nacional de todos, pois são línguas inseridas externamente por colonizadores, não sendo, portanto, parte da cultura africana (CASTRO, 2005).

### 1.3 LENDAS E FOLCLORES NA CULTURA AFRICANA

As lendas e os folclores representam a variedade de facetas sociais da cultura africana. Como em quase todas as civilizações e culturas, essas manifestações circulam em diferentes partes da África com uma riqueza de detalhes em seu contexto que fazem com haja uma reflexão sobre os acontecimentos mencionados no contexto da uma literatura milenar e primitiva, oral ou escrita.

No folclore africano, o povo projeta todos os aspectos do sobrenatural. Apesar disso, o folclore habita na mente do povo africano com uma distinção bem clara entre realidade e fantasia, tendo em suas representações o significado de cada aspecto envolvido. Por exemplo, no folclore africano, as mulheres representam os dois extremos - amor, cuidado, devoção e beleza, versus fraqueza, deslealdade e falsidade e as plantas e animais têm poderes, como falar e mover-se.

Um dos personagens do folclore africano é conhecido por *Anansi*, cuja aparência em grande parte dos contos é a de uma aranha com traços de homem, em algumas lendas aparece como mulher e em outras formas. Os nomes de suas histórias e dos personagens variam de acordo com as culturas. Acredita-se que sua origem vem diretamente das tribos Ashanti, sendo depois espalhada pelos grupos Akan (BERGER JÚNIOR, 2008).



**Figura 03.** Anansi é um dos mais importantes personagens do folclore africano

**Fonte:** Berger Júnior (2008)

Na simbologia do folclore africano Anansi (Figura 03) é responsável pela criação Sol, da Lua e das estrelas, o ensino da agricultura. Uma característica inclusa em todas suas lendas, e que talvez marque tanto Anansi, é o fato dele simplesmente conseguir enganar a todos, resolvendo facilmente seus problemas através da sua esperteza. Uma célebre história, nomeada de O Baú de Anansi, conta como Anansi se tornou o detentor de todas as histórias do mundo.

Percebe-se que as lendas africanas tem uma ligação direta com os rituais religiosos e seus representantes são os orixás, deuses dos iorubas, os quais possuem poderes extraordinários realizando atos grandiosos. Na África existem mais de 1000 orixás que têm suas funções dentro da mitologia Yorubá.

Vale ressaltar que o folclore africano e suas lendas são diferenciados, pois o folclore tem um aspecto simbólico, enquanto que as lendas possuem um caráter de histórico, quase real dentro da cultura africana.

Sendo assim, é através de suas lendas e mitos que os povos africanos buscam a explicação para os fenômenos e acontecimentos do mundo. Isso porque a necessidade de explicar o mundo em que vivemos é praticamente tão antiga quanto a própria humanidade.

A origem do mundo é uma das lendas mais expressivas. Além dessa, muitas outras lendas são a base da história da África dando ênfase às entidades ou deuses que povoam o imaginário daquele povo. No princípio, eram muitas as divindades africanas, tantas que a foram comparadas com às cores da exuberante África. Ainda hoje, os adeptos das religiões africanas continuam adorando um pequeno grupo destas divindades, na representação dos elementos essenciais à natureza e à vida humana (SANTOS, 2006).

Vale salientar que as lendas ou mitos da África estão presentes no cotidiano do povo africano. Sua importância para a história da África é fundamental, pois é através dos mitos criados ao longo do tempo que se descobre uma África pura, sem interferência externa, ou seja, as lendas e mitos são a essência do povo africano.

#### 1.4 A MUSICALIDADE AFRICANA IDENTIFICADA EM SEUS RITMOS E DANÇA

O ritmo como parte da música de todas as culturas, tem uma função natural da expressão da linguagem oral das pessoas, ou seja, a música. E na cultura do povo africano, além do canto, o toque dos tambores representa os ritmos. Segundo Augusto (2009), os tambores africanos tem um significado amplo e estão ligados aos rituais que se relacionam às danças, à música e à literatura, com uma função primordial de ditar o ritmo tocado.

Com relação à dança na África, é uma das manifestações que mais representam o seu povo. Sua origem faz parte da essência da vida das aldeias. Ao ritmo do Semba, Funaná, Kuduro, Sakiss, Puita, Marrabenta, Samba e outros sons da música folclórica, são dançadas em pequenas coreografias, trabalhando assim os movimentos da anca, o rebolar da bunda, e a facilidade de juntar a agilidade dos braços, pernas e cabeça, num só movimento culminando num trabalho de ritmo corporal (AUGUSTO, 2009).

De acordo com Silva (2009), a dança originou-se na África como parte essência da vida nas aldeias. Caracteriza-se por ser uma atividade grupal, em que todos participam marcando o ritmo, cantando e batendo palmas.

Sendo assim, todos os acontecimentos da vida africana são comemorados com dança, nascimento, morte, plantio ou colheita; ela é a parte mais importante das festas realizadas para agradecer aos deuses uma colheita farta. As danças africanas variam muito de região para região, mais a maioria delas tem certas características em comum.

Segundo Silva (2009), algumas danças podem ser identificadas como originárias da África e acolhidas pelo ocidente, entre elas, a capoeira, a Schikatt, Gnawa, Guedra e Ahouach.

A capoeira é uma luta disfarçada em dança (Figura 04), criada pelos escravos trazidos da África nos navios negreiros para o Brasil. Essa dança é embalada ao som do tambor e do biribau, instrumentos de percussão tipicamente africanos.



**Figura 04.** Capoeira, uma luta com “disfarce” de dança.  
**Fonte:** Dória (2010).

Outra dança africana que tem uma tradição importante chama-se Schikatt. A dança Schikatt trata-se de uma dança erótica e popular das mulheres marroquinas (Figura 05).

Muitos movimentos têm origem nas danças orientais. Foi de uma combinação da influência árabe com o folclore berbere que nasceu esta dança.

O schikatt tem um passo característico chamado rakza, quando a dançarina bate com os pés como na dança flamenca. As dançarinas usam camadas de véus cobrindo o corpo, do pescoço ao tornozelo, e se enfeitam com muitas jóias; elas cantam, tocam instrumentos e batem palmas enquanto dançam.



**Figura 05:** Schikatt, dança de “conteúdo erótico”  
**Fonte:** Dória (2010).

Já a dança Gnawa celebra um ritual da seita de Sufi. Cada ritmo tem muitos significados simbólicos que vão de poderes curativos ao exorcismo. Dançarinos usam roupas brancas e chapéus pretos pesadamente enfeitados com conchas, contas, mágicos talismãs e amuletos. Em pé em linha ou círculo, os músicos mantêm o ritmo com tambores ou batendo palmas enquanto dançarinos executam danças acrobáticas, como mostra a Figura 06.



**Figura 06.** Gwana dança com significado simbólico.  
**Fonte:** Dória (2010).

Com relação à dança Guedra pode é originária tribos berberes que vivem na fronteira do sul de Marrocos. Caracteriza-se pela formação de uma fila de homens em vestes azuis ou brancas e turbantes pretos tocam tambor com uma forte batida enquanto as mulheres vestidas de azul, com cabelos presos no alto da cabeça, com joias e coroadas de conchas (Figura 07).

As mulheres se enfeitam com joias e coroadas de conchas, batem o ritmo com as mãos e B'Sharra, a grande dama do Guedra, saúda a areia, o céu e o vento, balançando seu corpo, abrindo os braços para abraçar a vastidão do deserto, movimentando as mãos e os dedos em delicados movimentos que simbolizam o amor, a paz e a bênção.



**Figura 07.** Guedra, dança de possessão.  
**Fonte:** Dória (2010).

Outra dança de caráter coletivo com ritmo berbere é a Ahouach, conforme mostra a Figura 08, é executada por aldeões do centro e do sul das Montanhas Atlas, dançam tocando instrumentos circulares feitos de pele de cabra.

Um homem chamado Raiss guia os homens da vila que tocam seus tambores, e algumas vezes flautas, enquanto rapazes e moças solteiras dançam o Ahouch frente a frente. Segurando as mãos, os dançarinos em linha sacodem seus corpos, balançando pesadas jóias de prata e âmbar, as quais, através dos movimentos, fazem um outro tipo de ritmo.



**Figura 08.** Ahouach, dança coletiva com ritmo berbere  
**Fonte:** Dória (2010).

Além dessas danças mencionadas, existem danças que foram adaptadas pelos africanos cativos em países distantes, entre elas: O jongo, A roda de capoeira, Samba de roda e o Maracatu. Todas essas danças são ilustrativas, ou seja, cada uma delas expõe desejos de um povo que, diante do sofrimento, encontra alento em manifestações alegres e que são desenvolvidas em grupos.

Além disso, Segundo Silva (2009), a dança é identificada em muitas regiões africanas através da musicalidade. A seguir, serão expostos alguns estilos musicais dançados no ritmo africano:

- **KILAPANGA:** seu compasso rítmico assemelha-se aos estilos caribenhos basicamente sustentado pelos tambores (Ngoma, Nsacaia e o Tshololo(shololo) "grito de festa") e pelas guitarras devidamente rítmicas.

- WALA: estilo musical satírico que busca diversão e lazer. Este estilo é um dos ritmos africanos que nas duas últimas décadas se transferiu para os países de expressão inglesa (assemelha-se ao reggae).
- KITOLO: é o ritmo tocado para demonstrar a tristeza, a realização de alguma prece, lamentação, sátiras etc. É muito tocado nos velórios ao norte de Angola. Estilo característico dos bacongo (povo do antigo reino do Congo).
- SEMBA: sua semelhança ao Samba não é relativamente ortográfica; existe nela um compasso que frequentemente caracteriza o bom samba, caracteriza o povo Kimbundo. atualmente não se pode falar do Semba sem que se fale do "cota Bonga"(mano Bonga), músico angolano exilado em Portugal, onde seu ritmo inebria as almas lusitanas, aos brasileiros faz lembrar o Samba e aos cubanos a Rumba.
- KIZOMBA: (conhecido como Zuk nas Antilhas) estilo que se identifica muito com as ilhas africanas e das Américas; na África, as ilhas de Cabo verde e São Tome e Príncipe tem garantido a produção deste estilo no mercado. Luanda, capital de Angola é também a capital da kizomba enquanto dança.

### 1.5 A RELIGIOSIDADE DO POVO AFRICANO

O termo religião é, de modo geral, relacionado com o verbo latino *religere*: cumprimento consciencioso do dever, respeito a poderes superiores, profunda reflexão. O substantivo religio, relacionado com o verbo, refere-se ao objeto dessa preocupação interior quanto ao objetivo da atividade a ela relacionada. Outro verbo latino posterior é citado como fonte do termo, religare, que implica um relacionamento íntimo e duradouro com o sobrenatural (PIMENTEL, 2006).

A esse respeito, o Continente africano possui uma grande variedade de religiões que estão intrínsecas na espiritualidade de seu povo de maneira integral. No entanto, segundo Klein (2010), identificar todos os povos africanos numa mesma raça e origem, bem como os mesmos costumes e a mesma religião, essa é uma visão distorcida, pois a África tem uma diversidade tanto de seu povo, quanto de sua religião.

No entanto, essa diversidade não impede que a cultura tradicional africana deixe de lado virtudes como a tolerância, a hospitalidade, a paciência, e a capacidade de aceitar e colaborar com os demais.

A esse respeito, Carrera (2003) afirma que no continente africano as diferentes religiões não só convivem pacificamente, mas que, além disto, cada vez é mais frequente a colaboração entre elas para resolver os problemas que afetam a população, especialmente na África subsaariana. A capacidade de convivência e de cooperação, inclusive entre pessoas de crenças e pontos de vista diferentes está enraizada no coração da cultura tradicional africana.

A população da África ultrapassa os 800 milhões, que por religiões, estão distribuídas assim: 316 milhões são muçulmanos, mais da metade deles nos países árabes do norte do continente, 256 milhões são cristãos, dentre os quais 124 milhões são católicos, aproximadamente 200 milhões seguidores das religiões tradicionais africanas, o restante se reparte entre as chamadas “Igrejas Independentes” ou de origem africana, muitas delas são separadas das igrejas cristãs históricas, e as numerosas seitas fundamentalistas que surgem constantemente, especialmente nas cidades (CARRERA, 2003, p. 18).

No que se refere ao povo africano, é dado destaque a religião tradicional, a qual diz respeito às manifestações e rituais africanos desde a sua origem.

Em seu estudo sobre a religião tradicional africana, Klein (2010), distingue dois aspectos da realidade: o que é visível, ou seja, o físico ou material e o invisível ou espiritual. Há um entrelaçamento do que é físico com os elementos do mundo espiritual. Na crença africana há espíritos simbolizados nas pedras, nas montanhas, nos rios, nas árvores, nos trovões, no Sol e na Lua. Por isso, a religião tradicional africana ser muitas vezes chamada também de religião animista<sup>1</sup>.

A religião tradicional africana, toda a vida é sustentada pela união entre os seres, o cosmo, o mundo invisível e o Ser Superior, vivendo em profunda harmonia com o universo. O povo africano tem na religião uma vivência conforme as leis morais e um comportamento adequado a cada evento. No entanto, os momentos religiosos consid

### **1.5.1 Os Ritos das Religiões Tradicionais**

A apreciação dos ritos religiosos praticados pelo povo africano contribui na apreciação das culturas africanas sem interferência ou mediações que podem ocultar ou deformar informações.

Na religião tradicional africana, os ritos, cerimônias, preces representa a expressão corporal, oral e escrita do ser humano na procura de uma harmonia com o todo. Mas, o que

---

<sup>1</sup> Teoria que considera a alma simultaneamente princípio de vida orgânica e psíquica.

importa é a atitude interior que caracteriza a vida dos povos tradicionais, uma atitude profundamente religiosa. Cada fato cotidiano, banal ou importante, é colocado num contexto que supera a dimensão material (KLEIN, 2010).

Através de rituais sagrados, os africanos demonstram a importância dos momentos naturais da vida como o nascimento, a adolescência, o matrimônio e a morte. Além de valorizar os ritos com o significado de iniciação, purificação, propiciação, comemoração, ação de graças etc.

Com relação aos ritos de iniciação, são garantidos pela boa integração na comunidade dos vivos, enquanto que os ritos fúnebres garantem a benevolência dos antepassados, buscando sempre um ritual que agradável e bem feito.

É através dos cultos africanos que os ritos sagrados acontecem, são escolhidos sempre lugares muito modestos como pequenas cabanas, altares junto aos caminhos, cumes de montanhas, nos quais são feitas sempre oferendas para pedir saúde, vida, sucesso etc., através de orações feitas pela comunidade, expressas com danças e cantos em que impera a criatividade no movimento.

### **1.5.2 Elementos das Religiões Tradicionais**

De acordo com Klein (2010), os elementos das religiões tradicionais africanas, estão presentes em diferentes manifestações, de acordo com os respectivos povos, possuem vários pontos comuns essenciais, mas tendo como objeto central a vida.

Existem, inicialmente, os elementos chamados potências espirituais que, dentro da religião africana estão abaixo do Ser Supremo. Existem inúmeras potências, mais ou menos espirituais. São relacionadas às coisas mundanas, por isso, são muito invocadas, como os orixás dos Iorubás. Essas potências espirituais estão presentes também em suas lendas e mitos, representados como seres com poderes sobrenaturais.

Outro elemento das religiões tradicionais africanas é o DEmiurgo, identificado também dentro da mitologia africana, como o fundador do povo africano, da geração do ser humano e a introdução dos costumes, ofícios e ritos.

A dança é considerada um dos elementos das religiões tradicionais por desempenhar um papel importante na manutenção viva e atuante das tradições religiosas e sociais africanas. Neste sentido, as danças dão a máxima expressão a todas as atividades do grupo, através do dinamismo ritmo encontrado nos movimentos realizados.

Os Curandeiros são elementos que possuem uma arte própria, como incisões e aplicações de ervas, atendem às necessidades do povo.

Nos Cultos, elemento da religião tradicional africana, em geral, os africanos não possuem estátuas, nem templos e sacerdotes. Além disso, o culto de sacrifícios de animais não são oferecidos a Deus como adoração, mas aos orixás (espíritos intermediários), como veículo de comunicação com os vivos, já que o sangue é tido como portador de vida (KLEIN, 2010).

Na religião tradicional africana existe um elemento muito importante para o povo. Trata-se da moral. Para o africano, moral e religião é, praticamente, a mesma coisa. As ações que prejudicam a convivência humana ou o equilíbrio das forças naturais são punidas pela autoridade tribal ou reparadas por ritos religiosos, pois irritam igualmente os espíritos, provocando calamidades públicas, como secas, enchentes, enfermidades, mortes etc. Desta forma, o africano se vê obrigado a respeitar os bens, a vida e a pessoa do próximo, ainda que não conheça preceitos morais impostos por Deus. O adultério é também severamente condenado, embora a vida sexual seja encarada com muita tolerância, pois se trata do exercício de uma função vital.

### **1.5.3 A Presença dos Orixás na Religião Africana: Os Deuses do Candomblé**

A palavra candomblé é de origem Bantu (do Kimbundu) e vem de uma junção das palavras KANDOMBE-MBELE que tem o significado de: Pequena casa de iniciação dos negros. Embora prestando culto a inúmeras entidades ligadas aos Elementos Naturais, o Candomblé é uma prática religiosa essencialmente monoteísta. A origem de todas as coisas e de todos os seres na crença Candomblé está na existência de um Deus Uno, esse ser também foi encarregado da elaboração do Cosmos e de tudo o que nele exista ou venha a existir (NASCIMENTO, 2010).

No entanto, como afirma Nascimento(2010) existem entidades divididas hierarquicamente em diversas categorias que são as intermediárias entre o homem e a Divindade Suprema, que se manifesta em todos, sem distinção, até mesmo nos seres situados nos mais baixos níveis da hierarquia estabelecida. Essas divindades também fazem parte dos mitos e lendas da África e são chamadas de Orixás

Os orixás seriam, em princípio, ancestrais divinizados, que, em vida, estabeleceram vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhes a possibilidade de exercer

certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização o poder (VERGER, 2002).

Segundo Nascimento (2010), na filosofia religiosa yorubana, o ser humano é composto de quatro elementos ou corpos que permitem, ao combinarem-se, sua estadia no mundo terreno (Figura 09). O mais conhecido destes corpos é o físico, denominado "ará" em yoruba. É o corpo material que permite a plena manifestação do ser humano no plano físico e material da existência.

Conforme o autor, outro destes elementos é o denominado "Ojijí", corpo ou forma telúrica, conhecido em outras escolas filosóficas como "sombra" ou "corpo astral". Trata-se de um doble exato de nosso corpo físico, que aprende tudo o que sabemos, adquire todos os nossos costumes, hábitos e vícios; nutre-se dos fluidos exalados pelos alimentos e bebidas por nós consumidos, e que, por este motivo, adquire as nossas preferências alimentares. *Ojijí* é uma forma fornecida pela Terra, responsável pela guarda de nosso corpo físico, subsistindo, mesmo depois da sua morte, enquanto este não for inteiramente decomposto e, em forma de pó, entregue à Terra que forneceu toda a matéria de que foi formado. É *Ojijí* que apresenta-se sob a denominação de "*Egun*", depois da morte do corpo físico (NASCIMENTO, 2010).

O terceiro corpo é denominado "*Emi*". Seria também um protótipo criado em plano superior de existência e que serviria de projeto de nosso corpo físico. *Emi* é o sopro de vida que nos dá o ânimo e conseqüentemente, a condição para viver. Seria, portanto o equivalente à alma da cultura judaica-cristã. Passa também por um processo de "morte" que ocorre algum tempo depois da morte física.

Além desses Orixás citados, vale ressaltar que estima-se haver mais de 1700 entidades, e alguns sacerdotes afirmam que o termo Orixá deveria ser utilizado exclusivamente em relação aos espíritos genitores que, efetivamente, participaram da criação do universo e que deram origem aos demais, de categoria hierárquica inferior, personificações de fenômenos e de elementos naturais como Terra, Fogo, Água, Ar, rios, lagoas, mares, pedras, montanhas, vegetais, minerais, etc. Outros seriam ainda, figuras históricas tais como reis, guerreiros, fundadores de cidades, de dinastias, heróis e heroínas que, dado a importância de seus feitos, foram, depois de mortos (PIMENTEL, 2006).

## **CAPÍTULO II – A TRAJETÓRIA DO POVO AFRICANO PARA O BRASIL: UMA HISTÓRIA DE ESCRAVIDÃO**

A presença do povo africano no Brasil torna-se evidente, sobretudo, considerando sua trajetória até o Continente Americano, sua história carregada de sofrimentos e preconceitos que se perpetuam, ao lado da cultura, até os dias de hoje. A história do negro no Brasil não se separa do período da escravidão e os horrores do caminho percorrido, porém deve-se mencionar a cultura e a tradição negra como essencial na formação dos costumes do povo brasileiro.

Segundo Luna (1968 apud BATISTA; CARVALHO, 2009):

[...] É impossível se falar sobre a cultura dos negros, sua passagem pelo Brasil e seus dias atuais se não for escrito sobre a escravidão e suas consequências. Deve-se abranger, entre outros assuntos, a escravidão, seus conhecidos males, sua travessia pelo Atlântico etc.

Essa África que foi trazida para o Brasil era constituída de vários povos e grupos étnicos diferentes, que viveram sem condições plenas de vida. Ao chegarem ao Brasil agarraram-se às suas origens, deixando aos seus descendentes uma carga cultural imensa.

Vale ressaltar que a história do povo africano escravizado não teve início com o tráfico de escravos para o Brasil. É uma história bem mais antiga, anterior à escravidão nas Américas e à vida de cativo no Brasil. Para tanto, entender-se a trajetória dos africanos é preciso saber como e por que o continente africano se tornou a maior fornecedor de escravos do mundo moderno.

### **2.1 A ESCRAVIDÃO DO POVO AFRICANO**

Segundo Meltzer (2003), a escravidão tem raízes profundas na história da humanidade, remonta a pré-história e está presente nas sociedades, se estabelecendo de acordo com as condições encontradas no tempo e no espaço.

A escravidão é um termo derivado da palavra “escravo” e está ligada a falta de liberdade. É a circunstância onde o homem é sujeito a exploração para fins econômicos, sendo propriedade daquele que o tem como escravo.

A etimologia da palavra “escravo” advém do nome “eslavo”, prisioneiros de guerra que eram negociados pelos germanos por toda a Europa. Outra acepção dada ao termo é “galês”, nome dado aos nativos bretões escravizados pelos anglo-saxões (JESUS, 2005).

Vale salientar que o termo escravidão sempre teve conotação de subjugação de povos sobre outros. O escravo era obrigado a se agregar aos costumes e ditames culturais dos seus senhores, sendo tratados como inferiores e mesmo incluídos no grupo, serviam de objeto de venda e troca.

Segundo Rodrigues (2007), para as definições jurídicas, a escravidão era o sistema pelo qual os indivíduos tornavam-se objetos de propriedade de seus senhores, na qual, a única relação institucional existente reconhecida pelo direito para o escravo era a sua relação com seu senhor.

Nas sociedades africanas, a escravidão tinha uma relação política e econômica. Essa relação da escravidão na África era conhecida como “escravidão doméstica” e está vinculada aos confrontos entre os diversos reinos e impérios africanos que queriam o controle sobre estradas, rotas que davam acesso aos rios e outros territórios.

O comércio de escravos existiu a partir de um mercado doméstico na África. Segundo Thornton (apud RODRIGUES, 2007, p. 12) “[...] a escravidão estava enraizada em estruturas legais e institucionais arraigadas das sociedades africanas, e sua operacionalização diferia muito do modo pelo qual subsistia nas sociedades europeias”.

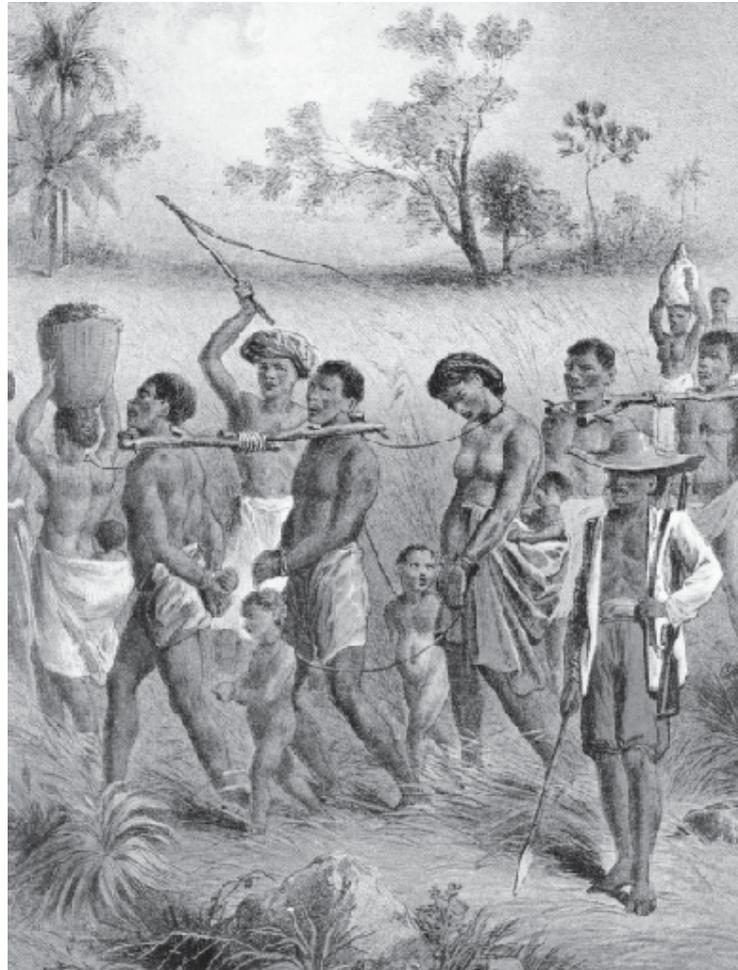
Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006), a “escravidão doméstica” na África acontecia através de batalhas entre povos de diferentes etnias e consistia em aprisionar povos de outras tribos, aldeias ou grupos para utilizar sua força de trabalho, em geral, na agricultura de pequena escala, familiar. Esse tipo de escravidão servia para aumentar o número de pessoas a serem empregadas no sustento de uma família ou grupo (Figura 09).

Nesses confrontos era comum que os vitoriosos fizessem alguns escravos dentre os membros de um vilarejo vencido em luta armada. Era a chamada escravidão doméstica, que consistia em aprisionar alguém para utilizar sua força de trabalho, em geral, na agricultura de pequena escala, familiar (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 14).

Nas batalhas, os vencedores subjugavam os perdedores que passavam a ser propriedade daqueles senhores, realizando serviços, principalmente, de agricultura para a subsistência do grupo ou família. No entanto, os escravos eram poucos por unidade familiar e perdiam a condição servil com o passar das gerações, tornando-se parte do grupo, fortalecendo assim, as relações de parentesco e aumentando o número de subordinados ao senhor.

No entanto, quanto mais o grupo tinha terra, mais necessitava de mão-de-obra, fazendo com que houvesse um aumento do número de pessoas que serviam a uma família ou

grupo. Ter escravos assegurava o poder e o prestígio dos que escravizavam, já que representavam a capacidade de auto-sustentação da linhagem.



**Figura 09.** Ilustração de escravos domésticos capturados.  
**Fonte:** Albuquerque; Fraga Filho (2006).

Existiam outras condições para tornar a pessoa escrava, uma delas era a punição por roubo, assassinato, feitiçaria e, às vezes, adultério, sendo a escravidão a pena pelos delitos cometidos. Além disso, havia o rapto individual, a troca, a compra e a penhora, na qual as pessoas eram dadas como garantia no pagamento de dívidas e caso seus parentes saldassem o débito, extinguiu-se o cativo. Tais formas de aquisição de cativos foram mais ou menos comuns em diferentes períodos e lugares da África, porém o rapto e o ataque a vilas se tornaram mais frequentes quando o tráfico de escravos tomou grandes proporções (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

A escravidão também aconteceu com a expansão islâmica na África e ficaram conhecidas como “escravidão islâmica”. As guerras santas, conhecida com “*jihad*”, no fim do

século VIII, tinha a finalidade de islamizar populações, converter líderes políticos e escravizar os “infiéis”, ou seja, quem se recusasse a professar a fé em Alá.

Nesta época, a África negra era o alvo dos muçulmanos e foram utilizados para abastecer os mercados de escravos, principalmente depois da ocupação do Egito e do Norte da África pelos árabes (Figura 10).

A “escravização islâmica” era uma espécie de missão religiosa, na qual o indivíduo escravizado supostamente podia ter direito a ser livre através da conversão, sendo devidamente instruído nos preceitos islâmicos. Muitos escravizados africanos foram transformados em eunucos, uma violência dos árabes muçulmanos praticando a mutilação genital contra os homens pretos, castrando-os (PASSOS, 2010).

Entretanto, a conversão não era o bastante, pois os interesses comerciais fazia com que houvesse o crescimento do número de escravos no mundo muçulmano, que na medida em que era educado nas leis islâmicas, tornava-se fundamental para o comércio dos mercadores muçulmanos, pois além de servir através do trabalho escravo, o negro africano era doutrinado pelo islamismo (Figura 10).



**Figura 10.** Escravos africanos do Islã.  
**Fonte:** Passos (2010).

A presença europeia na costa da África fez com que a escravização do povo africano crescesse em larga escala, o mercado de escravos passou a ter uma dimensão intercontinental. O envolvimento das nações europeias no tráfico de escravos teve como motivo o comércio lucrativo e de fácil aquisição, sendo disputado acirradamente cada fatia do território africano.

Holandeses, franceses, ingleses, espanhóis e, principalmente, portugueses lançaram-se na conquista dos mercados africanos (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Foi principalmente através das investidas portuguesas com as grandes navegações que aportaram em terras africanas em busca de ouro e especiarias, que se deu a “escravidão cristã”. Os barcos lusitanos em meados do século XV tomaram a direção dos ventos que pudessem levá-los à costa africana.



**Figura 11.** Ilustração das navegações portuguesas.

**Fonte:** Passos (2010).

Os africanos se espantavam quando ao notarem que barcos enormes e estranhos se aproximavam da Costa (Figura 11). Não era a primeira presença estrangeira vista na África, porém causou-lhes estranheza se deparar com embarcações tão grandes e com homens tão diferentes. Havia homens brancos na África, mas não como aqueles; existiam grandes barcos usados para o transporte de pessoas e mercadorias, mas nenhum com as dimensões das caravelas.

Contudo, pode-se afirmar que os primeiros encontros entre portugueses e africanos não foram pacíficos. Apesar de muitas lutas sangrentas entre africanos e portugueses, coube aos tradutores trazidos nas naus portuguesas estabelecer contatos mais amistosos com o povo nativo.

Os intérpretes foram incluídos na tribulação das naus portuguesas, pois os capitães queriam negociar com as nações tanto da África como do Brasil, e para isso cercaram-se de certas precauções. Tripulantes mauritanos, marujos mouros, malaios e indianos serviam como

intérpretes de diversas línguas. Além disso, eram alguns deles serviam para orientarem a rota durante as navegações, quando à direção dos ventos, às correntes marinhas, à posição das estrelas e o litoral africano.

A estratégia de entendimento com os africanos surtiu efeito e aos poucos, os portugueses foram ganhando a confiança dos chefes tribais, combinados preços satisfatórios, e foram crescendo os negócios. Mas o principal objetivo dos portugueses, que era se apropriar do comércio transaariano, ainda não havia sido alcançado. Tão pouco, tiveram acesso às minas de ouro, como sonhavam.

Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006), os portugueses tinham o interesse de conseguir ouro, mas não conseguiram, para compensar zarparam abastecidos de escravos, como faziam os mercadores do Saara. Realizados os primeiros negócios, a curiosidade acerca do destino dos cativos embarcados tomou conta dos africanos.

Durante mais de três séculos, o tráfico de escravos negros constituiu uma das molas fundamentais do capitalismo mercantil, fornecendo a mão-de-obra necessária às plantações do Novo Mundo e representando em si uma forma importante de acumulação de capital.

Através do tráfico negreiro, centenas de africanos escravizados eram trocados e vendidos em todo o mundo, até chegar o processo de tráfico transatlântico para as Américas, inclusive para o Brasil.

## 2.2 A CHEGADA DOS AFRICANOS NO BRASIL: DESTINOS INCERTOS

A vinda dos africanos para o Brasil está marcada por fatos históricos determinantes na construção de uma nova identidade deste povo fadado aos desmandos de nações estrangeiras. No Brasil, apesar do sofrimento, o povo vindo da África esteve presente na construção de um novo país, que poderia muito bem ser chamado de “Afro-Brasil”. O povo africano enfrentou o desafio do pluralismo cultural em um processo de empréstimos e de transculturação, ou seja, do processo de intercâmbio dos valores culturais.

O motivo determinante para a vinda do povo africano escravizado para o Brasil foi à decisão dos portugueses que já mantinham escravos negros como mão de obra nos canaviais em colônias da Coroa portuguesa nas ilhas do Atlântico, resolveram trazer os escravos africanos para o Brasil.

A esse respeito Albuquerque e Fraga Filho (2006) afirmam que a retirada violenta de africanos de suas comunidades, conduzidos para trabalhar como escravos em terras distantes, foi a solução encontrada pelas potências coloniais europeias para povoar e explorar as

riquezas tropicais e minerais das colônias no Novo Mundo, com o aval da elite africana. Resolveram então, a partir de 1532, iniciar essa mesma experiência no Brasil, trazendo levas de escravos africanos, que passaram a constituir a maior parte da força de trabalho usada na colônia.

O interesse dos colonizadores era encontrar um meio de obtenção de altos lucros com a nova colônia. No entanto, encontrava-se insatisfeita com o insucesso na escravidão dos índios do Brasil. Os índios não colaboravam com os trabalhos que lhes eram impostos. Os grupos indígenas reagiam em todos os grupos indígenas, muitos lutando contra os colonizadores até a morte ou fugindo para regiões mais remotas. Essas dificuldades encontradas na escravização dos indígenas, fez com que os colonizadores portugueses buscassem mão de obra no continente africano.

A migração transatlântica forçada foi a principal fonte de renovação da população cativa no Brasil, especialmente nas áreas ligadas à agricultura de exportação, como cana-de-açúcar. Submetida a péssimas condições de vida e maus-tratos, a população escrava não se reproduzia na mesma proporção da população livre.

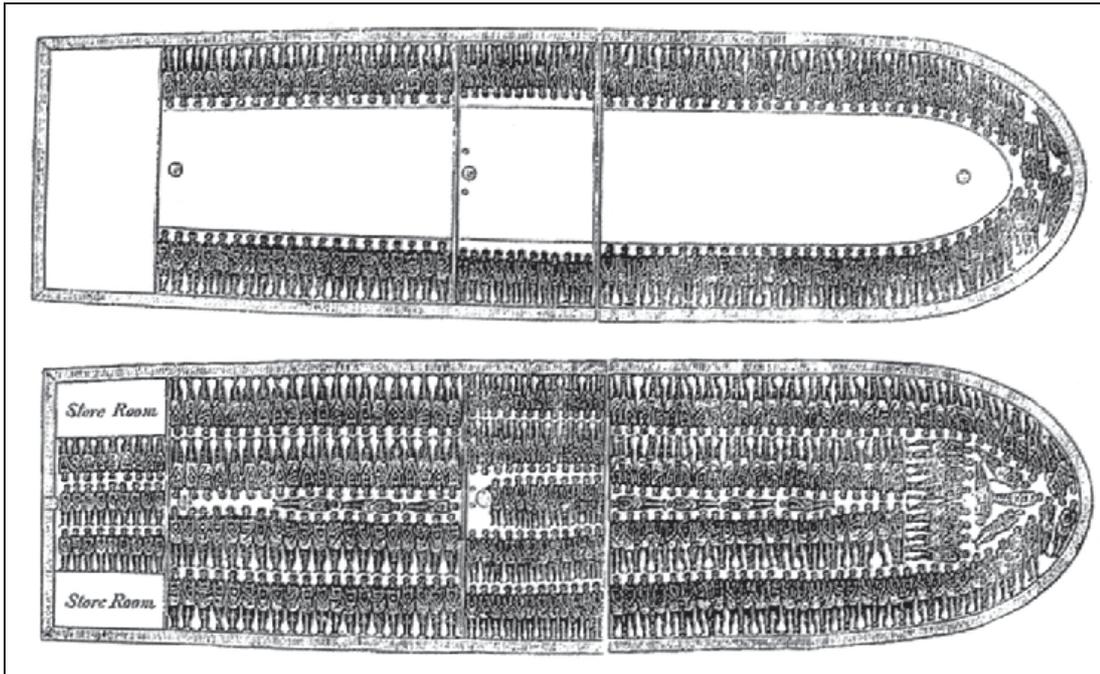
Os africanos eram trazidos através dos chamados navios “negreiros” (figura 01) pelo fato de serem utilizados para transportar os negros escravizados vindos da África ou “tumbeiros” porque grande parte dos negros, amontoados nos porões, morria durante a viagem, sendo que os corpos eram lançados ao mar.

As condições de viagem eram péssimas nos porões dos navios. A falta de alimentação e o contato muito próximo, uma vez que viajavam amontoados, aliados ao calor e a exposição dos corpos àquela situação degradante, fizeram com que se disseminassem várias doenças.

Batista e Carvalho (2009, p. 5) descreve o sofrimento dos negros escravizados quando em suas viagens transatlânticas.

Empilhados nos porões, recebendo parcas rações de comida e de água, era natural que o morticínio fosse acentuado. Perdia-se, invariavelmente, 10% da carga, na melhor das hipóteses, e casos houve em que morreu a metade dos indivíduos transportados. Amontoados no porão, quando o navio jogava, a massa de corpos negros agitava-se como um formigueiro, para beber um pouco desse ar lúgubre que se escoava pela estilha gradeada de ferro.

O interesse dos comerciantes era alojar o maior número possível de escravos nos navios negreiros, tornando a viagem insuportável. Cada vez mais era maior a quantidade de cativos transportados, o que diminuía o espaço para a estocagem de alimentos. Os escravos passaram a serem alimentados uma vez por dia (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).



**Figura 12.** Ilustração dos porões dos navios que traziam os escravos para o Brasil.

**Fonte:** Albuquerque; Fraga Filho, 2006.

Com o passar do tempo, esses navios foram se adaptando unicamente para o transporte de escravos (Figura 12). Eram construídos grandes veleiros com três coberturas permitindo uma distribuição dos escravos por categoria assim distribuída: na secção inferior do navio, ficavam os moleques, os rapazes e os machos adultos; repartimento intermediário, as mulheres, e no superior, em divisões apartadas, as grávidas e as crianças menores; e os espaços restantes, anexos aos costados da proa e da popa, eram reservados exclusivamente para as sentinas<sup>2</sup> e para as utilidades.

Mesmo assim, era atroz e indiferente o tratamento dado às suas vidas. Seus algozes não hesitavam em deixar pelo caminho aqueles que morressem, desprendendo-os das argolas. Os sobreviventes eram levados aos porões dos navios e transportados, principalmente para o Brasil.

Os navios embarcavam trazendo aproximadamente 440 africanos e a viagem durava 43 dias caso viessem do centro sul da África. Essa viagem demorava o dobro quando os navios vinham de Moçambique. Com uma parca alimentação, mínimo espaço possível, corpos seminus e a disseminação de doenças, muitos deles morreram na viagem e foram jogados no mar. Milhares de homens, mulheres e crianças foram transportados da África de maneira desumana para servir de mão-de-obra escrava em praticamente todas as atividades nos três séculos e meio que durou a escravidão em nosso país, nos engenhos de açúcar do Nordeste,

<sup>2</sup> Náutica Parte do porão do navio onde se acumulam as águas e de onde são retiradas por meio de bombas.

nas minas de ouro e como serviçais nas “Casas Grandes” sendo comercializados como se fossem mercadorias e tratados como animais.

As regiões onde viviam os que foram escravizados e trazidos para o Brasil, possuíam costumes, línguas, organizações de sociedade, religiões completamente diferentes umas das outras. Quando eram condenados pelas rígidas leis da sua sociedade, capturados nas pequenas aldeias, ou até mesmo nas pequenas guerras, nos caminhos que percorriam, quase indiferentes ao que se passava, viam perspectiva de incertezas, o que lhes sobravam era a herança cultural de seus antepassados (BATISTA; CARVALHO, 2009).

Ao desembarcarem no Brasil, os escravos africanos raptados de sua terra natal eram levados a um lugar estranho; passavam a serem controlados com mão-de-ferro pelos senhores de engenho, que delegavam aos feitores e outros agregados a fiscalização dos cativos.

Segundo Lima (2010), os africanos ao chegarem ao Brasil, recebiam nomes de procedência, muitas vezes do navio que os transportavam, outras vezes consignados em seus próprios documentos, assim mesmo, sabe-se que não possuíam origem única, assim, jêjes, congos, angolas, cafres, cabindas etc. estavam juntos, mas não se misturavam.

Após uma longa negociação, com trocas de escravos por mercadorias. Esse processo lento castigava mais ainda os escravizados, já debilitados pela falta de uma alimentação adequada e pelos muitos dias de viagem em péssimas condições.

Além disso, Souza (2008, p. 84) descreve que: “ao serem afastados das aldeias nas quais cresceram e que eram o centro de seu universo, poucas vezes conseguiam se manter próximas de conhecidos e familiares mesmo quando todos eram capturados juntos”.

No entanto, apesar de todo esse sofrimento, mesmo subjugados aos desmandos de seus algozes, os escravos africanos desenvolveram várias estratégias de resistência; dentre elas aquela relacionada à identidade cultural, qual seja, a preservação de sua cultura. Esse povo sofreu, mas trouxe consigo características que não se perderam com o tempo e permanecem até hoje acumulada na diversidade brasileira (BAYER; JORGGE, 2009).

### 2.3 INSTALAÇÃO DOS AFRICANOS NO BRASIL

Os africanos desembarcaram no Brasil, depois de uma travessia longa e penosa, em portos de grandes cidades. Um grande desafio estava pela frente, pois teriam que conviver com muito sofrimento, além do trauma do desenraizamento das suas terras com o afastamento de familiares. Tinham também a certeza que viveriam submetidos à condição de propriedade, sendo passíveis de serem leiloados, vendidos, comprados, permutados por outras mercadores,

doados e legados. Significava, sobretudo, não ter liberdade, estando sempre no domínio de seus donos e senhores, tendo que trabalhar em serviços nas mais diversas ocupações.

Eram retirados dos porões e repartidos aos lotes independentemente de serem ou não da mesma região, parentes, pais, mães filhos ou não. Não se dava importância a estes fatos, era como se eles não tivessem alma, sentimento, amor ou fossem insensíveis a dor, a fome, aos maus tratos.

Batista e Carvalho (2009) relatam que os escravos desembarcavam quase sem roupas, com apenas uma faixa de tecido cobrindo uma parte do corpo. Os cabelos e a barba eram cortados, determinava-se que tomassem um banho, recebiam algumas toscas roupas de tecido grosseiro.

Depois de chegarem e serem liberados para o desembarque, os negros eram colocados na alfândega, onde eram registrados depois do pagamento dos direitos de entrada, sendo, em seguida, conduzidos ao mercado (LE MOS; FERREIRA, 2010).

Nos portos brasileiros os negros eram armazenados em um barracão à espera de que fossem vendidos. Os preços variavam de acordo com muitos fatores: o sexo, a idade, a origem e o destino. Quando encaminhados às minas de ouro, valiam muito mais que os destinados aos campos de plantação ou ao serviço doméstico.

Depois da negociação, eram providenciados locais para a estalagem dos novos moradores da colônia, como parte de um impulso mais amplo de controle da força de trabalho cativa. Com efeito, são poucos os indícios disponíveis sobre a normatização da moradia escrava pelos proprietários rurais das diversas regiões de plantação do Novo Mundo no início do período de escravidão no Brasil (MARQUESE, 2005).

Vale salientar que nem todas as fazendas possuíam senzalas, porém, as moradias não eram desvinculadas da dominação exercida pelos senhores de escravos, ou seja, sempre eram construídos barracos ou barracões perto da Casa Grande, onde se podia ver toda a movimentação dos escravos.

Segundo Lemos e Ferreira (2010), mesmo nas fazendas que possuía Senzalas as moradias eram precárias, sem nenhum tipo de estrutura. Existiam três tipos de senzalas: Pavilhão, Barracão e Cabanas. A palavra Senzala é de origem quimbundo que significa residência de serviçais em propriedade agrícola, ou morada separada da casa principal. Consistia, quase invariavelmente em um comprido telheiro, feito de alvenaria de tijolos ou pau-a-pique, com celas medindo aproximadamente três metros de comprimento e largura, cobertas também com telhas, as terças apoiando-se diretamente nas paredes. As portas eram de tábuas de madeira. O piso de terra batida e sem forro ou outra abertura.

A Senzala era uma construção de único pavimento com pequenos recintos ou cubículos separados para os escravos solteiros e casados (Figura 13). Além de pequenos e abafados, cada compartimento só tinha uma porta e sem janelas, com apenas pequenos respiradouros. Frequentemente as senzalas eram construídas semi-enterradas no solo, com o chão de terra batida, que servia de lugar de sono e repouso.



**Figura 13.** Senzala, moradia dos escravos no Brasil.  
**Fonte:** Gomes (2010).

Os locais onde viviam os escravos e escravas solteiros eram grandes recintos separados. Consistia de uma única construção retangular e alongada, internamente repartida em vários cubículos (Figura 10). Eram projetadas e construídas pelos senhores e quase sempre localizadas ao lado ou atrás das casas-grandes, a residência senhorial, de forma a manter a escravaria ao alcance da vista.

#### 2.4 A VIDA DOS AFRICANOS NO BRASIL

As condições de vida dos homens e mulheres que vieram para o Brasil e viveram sob o cativeiro são essenciais para entender as bases da sociedade escravista e como os escravos buscaram superar a dominação.

No início da escravidão no Brasil, a realidade dos escravos africanos é de sofrimento e superação a vida dos escravos e se resumia ao trabalho, único, estafante e obrigatório. A maioria dos escravos que vieram para o Brasil foi destinada para trabalharem na agricultura, já que a colônia portuguesa precisava se explorada, ocupada e desenvolvida. Esse período foi

de grande dificuldade, pois os escravos trabalhavam dia e noite realizando atividades cansativas e que tomavam seus dias e noites.



**Figura 14.** Ilustração mostra os escravos trabalhando no engenho das fazendas.  
**Fonte:** Lemos; Ferreira (2010).

Os novos escravos que chegavam para trabalhar nas fazendas eram orientados pelos escravos mais velhos quanto a lida do engenho. O trabalho era obrigatório, mas, também, todos podiam cultivar e produzir alimentos para o seu sustento.

Após a lida na agricultura, cansados, os negros se acomodavam em qualquer local para dormir, muitas vezes, nem voltavam para a senzala. Muitos deles foram mutilados enquanto trabalhavam, pois sem conseguir dominar o cansaço, dormiam enquanto trabalhavam nas moendas de cana-de-açúcar (LEMOS; FERREIRA, 2010).

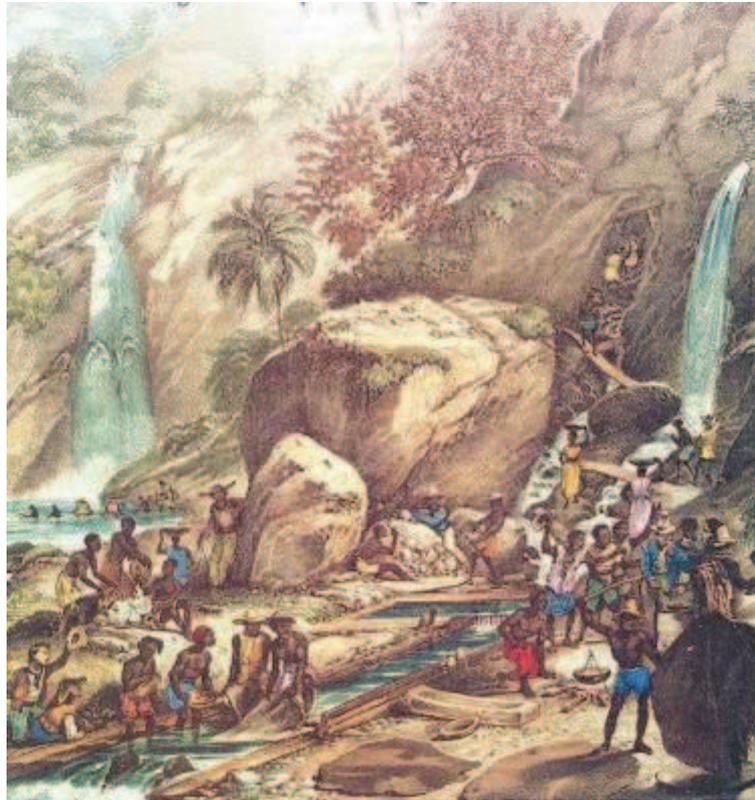
No entanto, havia os que possuíam alguma habilidade, ou a adquiriam, esses eram os escravos urbanos, mais bem tratados.

A esse respeito Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 65), afirmam que:

As mãos escravas extraíram ouro e diamantes das minas, plantaram e colheram cana, café, cacau, algodão e outros produtos tropicais de exportação. Os escravos também trabalhavam na agricultura de subsistência, na criação de gado, na produção de charque, nos ofícios manuais e nos serviços domésticos.

Na mineração, os escravos realizavam todo o trabalho pesado (Figura 15). Havia escavações como o túnel, ou seja, nas minas. Toda riqueza encontrada se destinava aos donos

das terras, sendo uma quinta parte de toda a produção, destinada ao pagamento de imposto para a coroa portuguesa.



**Figura 15.** Ilustração mostra o trabalho de mineração dos escravos.  
**Fonte:** Gomes (2010).

Nas cidades, eram eles que se encarregavam do transporte de objetos e pessoas e constituíam a mão-de-obra mais numerosa empregada na construção de casas, pontes, fábricas, estradas e diversos serviços urbanos. Eram também os responsáveis pela distribuição de alimentos, como vendedores ambulantes e quitandeiras que povoaram as ruas das grandes e pequenas cidades brasileiras (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO 2006).

Os escravos também desempenham trabalhos diversos como a arte da marcenaria, da sapataria, da alfaiataria e, até mesmo, trabalhando como marinheiros e com vendas no geral (Figura 16). Esses negros que iam para as cidades, eram obrigados a vender sua mão-de-obra ou produtos das fazendas para em troca receberem dinheiro. Entretanto, esse dinheiro se destinava ao seu senhor, tendo o escravo uma pequena parcela de participação nesse capital (LEMOS; FERREIRA, 2010).

A dominação pessoal era a relação que os senhores tinham com os escravos, determinada principalmente pela coação, através de castigos físicos e punições para aqueles que não seguiam a “cartilha” do seu dono.

Pouco ou nada podia ser feito contra as punições duríssimas decretadas pelos senhores, a não ser se acarretasse em morte do escravo. Havia uma legislação colonial acatava denúncias de escravos contra seus senhores, no entanto sua eficácia na prática não era real. A maioria dos senhores acabava sendo perdoada ou absolvida pela justiça da época que, na maior parte das vezes, pertenciam a mesma classe dos senhores.

O negro escravo teve que aceitar sua condição de vida, pois sua busca era sobreviver para que sua vida fosse suportável. E isso significava esforço cotidiano para modificar e mesmo subverter as condições de domínio escravista. Isto não quer dizer que ele fica passivo a sua condição.



**Figura 16.** Escravos trabalhando nas ruas da cidade.  
**Fonte:** Lemos; Ferreira (2010).

O conjunto populacional do Brasil foi, em grande parte, formado pelos cativos africanos, sobretudo nas regiões que produziam gêneros tropicais. Já no século XIX existiam no Brasil 1.930.000 escravos, sendo que a população total da colônia era de 3.818.000. Os escravos superavam o número de pessoas livres em certas cidades (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Através de diversas e criativas maneiras, os escravos buscaram tirar proveito do comportamento paternalista dos senhores ludibriando suas vontades e caprichos e, às vezes, invertendo a direção que eles pretendiam imprimir às suas vidas. As fugas e revoltas também fizeram parte da estratégia dos negros em busca de liberdade e melhoria de vida. Além disso,

os escravos desenvolveram formas sutis de resistência cotidiana como a lentidão na execução das tarefas e a sabotagem da produção. Foi assim que interferiram no seu próprio destino e modificaram o mundo à sua volta (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

As fugas individuais e coletivas traziam prejuízo aos donos de escravos que tinha um custo para recuperar o escravo fugitivo e muitas vezes em negociações com os negros, tendo que ceder a muitas reivindicações. No entanto, na maioria das vezes, as fugas eram temporárias sendo uma das formas de protestar contra a maneira como estavam tratados. No entanto, muitas vezes, o escravo fugia e não retornava ao cativeiro, pois o trabalho excessivo, pouco tempo para o descanso, desagregação familiar entre outros aspectos, faziam com que a liberdade fosse a principal aspiração daqueles que viviam a triste experiência de ser escravizado.

O panorama da escravidão no Brasil começou a mudar com a promulgação da Lei que suspendeu o tráfico de escravos para o Brasil, em 1831, tornando livres todos os negros vindo da África, e ilegal o comércio de escravos. Porém, essa lei não teve uma eficácia efetiva, pois não refletia a vontade dos senhores no Brasil. O tráfico de escravos passou a ter uma nova denominação: o contrabando que continuou durante um bom tempo.

Finalmente, em 1888, através da luta dos ideais abolicionistas e a assinatura da Lei Áurea, promulgada pela princesa Isabel dando um novo panorama ao cenário político, social e econômico no Brasil, principalmente, no que diz respeito ao escravo.

A intenção de promulgar a Lei Áurea, abolindo a escravatura era dar sentido de liberdade e de igualdade a todos que viviam no Brasil. No entanto, abolir a escravidão não pôs fim aos percalços do povo africano nas terras brasileiras, pelo contrário, inicia-se uma nova jornada de reconhecimento e conquista (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Com a abolição da escravatura, os escravos livres foram para as cidades sem emprego e uma das formas de sobrevivência era a capoeira. Alguns ex-escravos passaram a ganhar a vida fazendo pequenas apresentações em praça pública, porém muitos deles utilizaram a capoeira para roubar e saquear.

Livre do cativeiro, o negro ainda foi submetido a atrocidades não só físicas, mas morais e sociais, sendo excluídos na participação da sociedade brasileira, utilizados apenas como servis em empregos que se equiparavam à escravidão.

Observa-se, portanto, que a tão celebrada abolição da escravatura não teve, na prática, seu objetivo maior. Surge a partir de então uma nova ordem social de escravidão que se caracteriza não pela falta de liberdade, mas pela falta de opção de vida que levou o povo africano a exclusão e a miséria.

Com poucas opções de sobrevivência, os ex-escravos se deparavam com o desemprego, a fome e as dificuldades de se estabelecerem dentro de uma sociedade totalmente fechada, buscaram então se acomodar da maneira que fosse possível.

Essa condição dos negros recém libertados foi um ponto crucial para o aparecimento das favelas, da subcultura, da pobreza trazendo a eles o desencanto com a liberdade. O sofrimento de viver em senzalas se perpetuaram no que se refere a favelas.

A esse respeito, Luna (1998 apud BATISTA; CARVALHO, 2009, p. 19) afirma que:

[...] As dificuldades da após-Abolição, com a grande massa de libertos sem ter o que fazer, entregues à própria sorte, não foram cogitadas no momento devido e tiveram como resultado a desorganização geral que se verificou depois, prejudicando fundamentalmente a vida nacional.

A forma como a abolição dos escravos ocorreu no Brasil foi um ato inconsequente que acarretou transtornos inevitáveis. Não era essa a abolição que queriam os que verdadeiramente lutavam por ela, pois não dava nenhuma garantia de direitos aos negros. Além disso, o próprio Brasil não estava preparado para receber em sua população uma quantidade tão grande de pessoas em sua estrutura urbanística.

Além disso, a escravidão continuou na cabeça e no íntimo de muitos negros que entendiam a situação em que se encontravam. A condição de escravos era a única vida que eles tinham conhecimento, não tinham consciência do que era a liberdade e nem estavam preparados para ela, tendo como efeito centenas de negros errantes pelas ruas, sedentos e esfomeados.

Os que preferiram continuar nas áreas rurais permaneceram com uma relação amena de escravidão, através da ocupação pequenos pedaços de terra, geralmente em sistema de parceria nos quais cedia parte de sua produção ao dono da terra que cultivava (SOUZA, 2008).

No entanto, o próprio negro africano faz questão de esquecer essa história com passagens degradantes que enfraqueceram um povo acostumado a lutar pela sobrevivência e ter na liberdade a condição natural de vida. Porém, suas tradições, seus mitos, sua cultura, permaneceram fortes através da alegria, do afeto, da religiosidade, que vieram da terra distante para qual jamais voltariam.

O ciclo da história do povo africano escravizado se teve seu fim. No entanto, o que restou foi a participação dos negros na formação da cultura do povo brasileiro.

## 2.5 MISCIGENAÇÃO: O SURGIMENTO DO POVO BRASILEIRO

Os aspectos relacionados à miscigenação tem amplo significado para a história do povo brasileiro, nos quais envolveram tanto as representações raciais, como culturais dos povos que, na ocasião vieram para a “Terra de Santa Cruz”. O processo de miscigenação é decorrente da mistura de brancos, negros e índios e a miscigenação cultural foi o aproveitamento das diversas manifestações culturais destes povos, como bagagem étnica e social.

Partindo deste pressuposto, a miscigenação é um ponto chave para se compreender o Brasil como povo constituído. Pode-se afirmar que a colonização foi a causa maior para a definição da identidade nacional, pois a vinda dos portugueses, dos escravos africanos, além dos índios que já se encontravam em terras brasileiras fez surgir um novo povo com características miscigenadas, que se adequaram ao longo de três séculos.

O encontro que pôs em contato povos radicalmente distintos de três continentes refizeram valores, recriaram códigos de comportamento e sistemas de crenças, dando início a miscigenação racial e cultural, que permaneceu oculta, em todas as vertentes durante muito tempo (VAINFAS, 2003).

Vale salientar que no início da colonização, o Brasil já tinha a sua população nativa. Além disso, foram trazidos milhares de africanos usados como mão-de-obra para o crescimento e desenvolvimento colonial do Brasil.

A esse respeito Souza (2008, p. 129) ressalta a importância do negro africano no processo de miscigenação.

[...] Assim, quando falamos em mestiçagem do povo brasileiro, estamos nos referindo basicamente às misturas entre africanos e os povos que eles encontraram aqui, principalmente portugueses e indígenas. Foi essa mestiçagem que, apesar de atormentar as elites brasileiras que tentaram diluí-las, se impôs como consequência da importação de cerca de 5 milhões de africanos ao longo de mais de trezentos anos.

Segundo Oliveira (2008), no Brasil, a miscigenação aconteceu de certa forma fraterna, amistosa, ou seja, as diferenças se ajuntaram perfeitamente, sem que houvesse barreiras para unir povos que se demonstravam tão diferentes.

Entretanto, apesar da mestiçagem no Brasil ser considerada um processo natural, dificilmente foi tolerado pela sociedade europeia, em particular, a Coroa Portuguesa. Seu início se deu através da submissão das índias nativas que eram estupradas pelos marinheiros

vindos em grandes naus que aportaram nas terras “Tupiniquins”. Mais tarde, as negras escravas diante de seus donos brancos que eram proprietários não só das terras, mas dos corpos das escravas que lhe interessavam.

Neste caso, pode-se dizer que a mestiçagem não foi um fato programado e sim uma relação de poder do dono diante da mercadoria disponível. Procede-se assim a construção lenta do mestiço.

A miscigenação ou mestiçagem no Brasil começou apenas a ser percebida socialmente a partir do século XIX. Antes disso, a sociedade burguesa de Portugal instalada na colônia brasileira tinha uma noção de superioridade branca e invalidava o valor do indivíduo fruto da mistura de raças. Tratava o fato sem importância, pois os índios e negros eram tidos como inferiores, denotando um claro racismo já naquela época.

Contudo, longe de seus países de origem, os brancos, personagens da história brasileira foram atraídos pelas curvas das índias e as entranhas das negras, iniciando assim, uma nova geração no Brasil. Dessa mistura nasceram os mulatos, fruto da relação entre branco e negro e do cruzamento entre brancos e índios, nasceram os chamados caboclos.

Esse interesse voluptuoso do português pelas nativas e escravas serviu apenas para satisfazer suas necessidades fisiológicas, ou seja, as escravas eram usadas como objeto sexual. Milhares de mulheres foram estupradas e violentadas e seus filhos nascidos eram inseridos na massa escravizada, tornando-se propriedade dos senhores de engenho.

Para se entender melhor, Vainfras (2003) afirma que havia certo interesse de Portugal com relação à miscigenação racial para o povoamento do território luso-brasileiro, isto nada deveu a uma suposta propensão lusa à “miscibilidade com outras raças”, ou seja, aceitar que os filhos gerados fizessem parte da família branca. A miscigenação servia apenas para ocupação de terras com o intuito de explorar o território.

Em raras ocasiões, havia casos em que filhos mulatos, resultado do cruzamento do senhor com a escrava, eram alforriados, aprendiam algum ofício, mas não herdavam terras, pois elas estariam disponíveis apenas aos filhos legítimos e brancos.

Esse detalhe foi relevante e impulsionou o processo de miscigenação principalmente no que diz respeito ao negro. Iniciou-se então uma valorização dos mulatos dos relacionamentos sexuais entre brancos, negros e com os próprios mulatos. Com isso, houve uma grande contribuição para que criasse a cultura chamada “afro-brasileira” e embora os mestiços tivessem o devido reconhecimento, os preconceitos contra todos ainda perduraram por muitos anos.

### 2.5.1 Miscigenação Cultural

A miscigenação cultural diz respeito à formação de novas culturas que surgem a partir do contato entre povos diferentes, ou mesmo o aproveitamento das culturas de cada povo e pondo em prática numa sociedade nova.

Houve uma formação pluricultural da população no Brasil, decorrente da miscigenação, surgindo assim, peculiaridades, identidades e representações próprias que foram tomando conta dos mais distantes recantos do país. No entanto, a base da miscigenação cultural no Brasil está consolidada, principalmente com a presença dos portugueses e dos africanos, criando assim uma riqueza de cultura da mistura destas duas etnias.

A importância portuguesa para a cultura brasileira está na língua, que é oficial do Brasil. Além disso, os portugueses estão presentes também na culinária e nas roupas, além da religião.

Com relação à língua ou o idioma, o português utilizado no Brasil, difere muitas vezes, do português utilizado em Portugal. De acordo com Guimarães (2005) a vinda da língua portuguesa para o Brasil se deu durante todo o período de colonização entrando em contato constante com outras línguas, ocorrendo assim diversas variedades do português de Portugal. Estas variedades se apresentaram em lugares diferentes do Brasil, mas, em muitos casos, elas convivem num mesmo espaço.

Já a inserção dos africanos escravizados e seus descendentes no Brasil é alvo para uma profunda reflexão acerca dos processos de sincretismo, aculturação, transculturação, encontro de culturas, miscigenação cultural, entre várias outras noções que buscam dar conta de situações nas quais novas culturas surgem a partir do contato entre povos diferentes (SOUZA, 2008).

Pode-se afirmar então, que a miscigenação cultural brasileira está pautada no povo português e no negro africano durante o período da colonização.

## **CAPÍTULO III – UM BRASIL AFRICANO: O SURGIMENTO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

A cultura afro-brasileira é a herança deixada pelos africanos quando vieram para o Brasil. Essa cultura foi muito importante para a formação da identidade nacional e estão presente nas diversas manifestações advindas dos costumes de um povo que, ao longo de três séculos foram escravizados e sofreram as piores barbáries que se tem conhecimento na história do Brasil.

Levando em conta que a cultura é o sistema de ideias, modos de ser, agir, falar etc. produzido por uma sociedade, representado de forma específica por um país e que sua função principal é a formação da identidade de um povo, conclui-se que a presença do africano é a matriz mais importante na construção do perfil de nacionalidade brasileira (CASTRO, 2006).

Devido à ancestralidade de seus povos indígenas e a grande influência de imigrantes europeus, principalmente de Portugal, o Brasil é considerado uma nação miscigenada, porém a maior contribuição no processo de construção da população brasileira vem dos africanos e de seus descendentes no Brasil.

As raízes africanas que se fincaram no Brasil estão presentes, principalmente na cultura do povo brasileiro. Mesmo não pertencendo aos mesmos grupos étnicos, os povos da África vindos para o Brasil, vivendo sob a condição desumana que lhes foi imposta, se agarraram as suas origens, deixando aos seus descendentes apenas a carga cultural que traziam na memória, no bater dos tambores, na comida, nas crenças, misturando essa carga cultural com a cultura europeia trazida pelos portugueses, criando assim a cultura brasileira.

### **3.1 A RELIGIÃO AFRICANA NO BRASIL: O SINCRETISMO FORÇADO**

No Brasil, costuma-se atribuir o termo sincretismo quase que exclusivamente ao catolicismo popular e às religiões afro-brasileiras. Além disso, quando se fala em religiões afro-brasileiras pensa-se imediatamente em sincretismo.

Segundo Ferretti (2010), o sincretismo no seu sentido pleno, pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas.

A religião é considerada a cultura de maior influência do povo africano. No Brasil coexistiram tradições religiosas africanas diversas, contudo o termo mais comum para nomear

as práticas religiosas de origem africana é o candomblé do início do século XIX, na Bahia. Oriundo da região de Angola, o candomblé significa culto ou oração. Sabe-se ainda que tanto nas cidades como nas áreas rurais, as religiões africanas foram importante fator de agregação dos escravos e libertos.

No entanto, os escravos eram proibidos de praticar suas diversas religiões nativas, sendo obrigados pela Igreja Católica Romana a se batizarem e participarem da missa e dos sacramentos. Apesar disso, foi possível aos escravos comunicar, transmitir e desenvolver sua tradições religiosas (JENSEN, 2001).

No início da colonização brasileira práticas cristãs foram impostas aos escravos negros que não aceitavam muito bem, mas a subjugação os levava a cultuar imagens e realizar ritos católicos. Sendo assim, tais manifestações cristãs foram misturadas com práticas das religiões africanas. Em diversas regiões, entidades ou nomes de deuses africanos foram traduzidos como cristãos. Numerosos escravos provenientes do Congo e Angola chegavam batizados e cristianizados, devido à influência da presença portuguesa e de missionários católicos nestas regiões.

A religião católica era imposta de forma contundente aos grupos de escravos nas fazendas. Nas propriedades, padres e leigos religiosos iniciavam os africanos na doutrina cristã a mando dos senhores. Mas estes atos de imposição do catolicismo, em geral, não surtiram os efeitos desejados, pois a adesão dos africanos era superficial, no máximo decoravam algumas orações apenas para satisfazerem as vontades dos padres.

A adoção do catolicismo, principalmente o culto aos santos e santas, se dará por outras vias e por escolhas feitas pelos escravos africanos a partir da experiência com sua própria religião, ou seja, teve que haver um sincretismo para que a religião cristã fosse aceita pelos negros escravos.

Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006), o culto a determinados santos e santas era realizada numa concepção religiosa da África. Um dos santos que merecia reverência dos negros escravizados era Santo Antônio, que conseguiu grande popularidade no Rio de Janeiro e outras cidades, no século XIX, pois era relacionado às crenças religiosas de povos da África Central, que acreditavam que para alcançar a felicidade e combater os espíritos malignos era preciso recorrer ao auxílio de santos como feiticeiros.

Desta forma, os africanos iniciados no catolicismo na África ou no Brasil, aderiu a religião dos portugueses, desde que pudesse inserir ingredientes culturais de tradições religiosas africanas, especialmente música e dança.

Predominava nos cultos católicos realizados pelos negros africanos as festas, com muita comida e bebida relacionando o culto aos santos com oferendas que eram feitas aos orixás, voduns e outras divindades de origem africana. Segundo

Era um catolicismo cheio de festas, de muita comida e bebida, de intimidades com santos, tal qual a relação dos africanos com seus orixás, voduns e outras divindades. Segundo Oliveira (2004, p. 27):

As promessas de santos, pagas com missas, tinham função semelhante às oferendas que acompanhavam pedidos feitos aos deuses e outras entidades espirituais africanas. Para homenagear santos de sua devoção os negros organizavam grandes festas nas suas irmandades. Daí porque muitos escravos africanos se aproximaram do catolicismo sem que fossem forçados pelos senhores.

As autoridades da Igreja Católica reconheciam a participação dos escravos na religião através das irmandades. A presença de negros nas irmandades católicas não era uma novidade. No século XVI, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário instalada no Mosteiro de São Domingos, em Lisboa, aceitava africanos convertidos ao catolicismo.

### **3.1.1 As Irmandades Negras**

As irmandades negras reuniam pessoas de condições diversas, homens e mulheres livres, alforriados e escravos. Muitas reuniam indivíduos da mesma origem étnica e excluía os negros nascidos no Brasil. Mas havia irmandades que agregavam africanos de etnias diferentes, ou africanos e crioulos. Por exemplo, no Rio de Janeiro, a irmandade de São Benedito dos Homens Pretos reunia negros angolas e crioulos. A primeira irmandade fundada no Brasil foi a Irmandade do Rosário das Portas do Carmo, em 1685, por negros angolanos, que admitia crioulos. No entanto, muitas outras irmandades foram fundadas, as quais reuniam também mulatos e crioulos (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Na formação das irmandades eram, muitas vezes e, em muitas delas, escolhidos o “rei” e a “rainha” do ano através de eleição da diretoria. Os escolhidos eram coroados no dia em que se celebrava o santo patrono. Em Recife, a irmandade do Rosário, no final do século XVIII, organizava a eleição dos “governadores” de cada nação africana, além de um rei que presidia os mesmos. Em outras irmandades, como as mineiras, os reis faziam parte da diretoria, o que não ocorria nas irmandades baianas. Da mesma forma, na Bahia, em geral, os escravos não podiam fazer parte das mesas diretoras, ao contrário de Minas Gerais.

Os santos mais populares eram Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia. O Rosário era em todo o Brasil a devoção favorita dos angolanos que realizavam festas no dia do santo patrono regado de muita música, dança, comida e bebidas (Figura 17).



**Figura 17.** Ilustração da festa do Rosário em Minas Gerais.  
**Fonte:** ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006.

Algumas confrarias negras como Santo Elesbão, Rosário, Santa Ifigênia e São Benedito dos Homens Pretos, no Rio de Janeiro, do Rosário de Vila Rica, em Minas Gerais, e Rosário das Portas do Carmo, em Salvador tinham uma organização eram tão prósperas que chegaram a ter igreja própria no centro das grandes cidades, outras até emprestavam dinheiro para a compra da alforria de irmãos e irmãs escravos.

As mais pobres ocupavam um altar secundário num convento ou numa igreja paroquial, dividindo espaço com outras irmandades negras e brancas. Além do culto católico, o objetivo principal da irmandade era promover a ajuda mútua e socorrer os irmãos em dificuldades, principalmente os escravos e escravas incapacitados e abandonados pelos senhores. Entre as razões mais importantes para participar das irmandades estava a de garantir um funeral decente e enterro em local consagrado para si e para seus familiares. Frequentemente, os senhores, para demonstrar prestígio social, faziam doações significativas a essas irmandades e pagavam as taxas de filiação e anuidades de seus escravos.



**Figura 18.** Ilustração de um Cortejo Fúnebre das Irmandades em Porto Alegre.  
**Fonte:** ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006.

Em Porto Alegre, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, além de zelarem pelo sepultamento digno dos irmãos e irmãs (Figura 18), e ampará-los nas dificuldades, patrocinavam também a “liberdade de filhos dos irmãos cativos”. Essa ajuda, muitas vezes, consistia em colocar à disposição dos irmãos um cofre onde eram depositadas contribuições em dinheiro até completar a quantia necessária para a compra da alforria.

As irmandades eram espaço de reforço dos laços de solidariedade, ao mesmo tempo em que propiciavam a recriação de tradições da África. Nelas, além de aprender a doutrina cristã, os africanos tinham oportunidade de conviver com outros africanos que falavam a mesma língua e compartilhavam lembranças da terra natal. Nas celebrações das confrarias negras, o sagrado e o profano se entrelaçavam. Através destas festas, elementos da religiosidade africana se manifestavam no interior do catolicismo.

Sendo assim, as irmandades foram permitidas pelas autoridades eclesiásticas como meio de acomodação dos africanos, elas foram um importante meio de preservação cultural e respeito étnico. Do ponto de vista das classes dirigentes, isso foi interessante para manter as rivalidades étnicas entre os negros, prevenindo alianças perigosas.

A esse respeito, vale salientar que as festas promovidas pelas irmandades negras eram cercadas de preocupações das autoridades policiais devido à grande concentração de cativos e libertos em volta das igrejas com seus folguedos e danças. Em 1856, a polícia da

cidade de Recife dispersou o maracatu dos “pretinhos do Rosário” (irmandade) sob o pretexto de evitar desordens (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Contudo, para o povo africano escravizado no Brasil, a presença das irmandades na sociedade foi também um instrumento importante na formação e solidificação das comunidades negras e afrodescendentes. Foram também espaços de alianças interétnicas, ou canal de mediação de diferenças étnicas no seio da comunidade negra.

Muitos setores das elites toleravam os batuques religiosos e profanos, apesar de ilegal, por conveniência política, acreditando que assim fazendo os negros não se rebelariam. No início do século XVIII, para o bom controle dos escravos, o jesuíta Antonil recomendava aos senhores de engenho baianos que não reprimissem as manifestações festivas dos negros. O governador de Pernambuco, Conde de Pavolide, tinha a mesma concepção no final daquele século. No século seguinte, o conde dos Arcos, governador da Bahia entre 1810 e 1817, permitiu os batuques com o objetivo de diminuir as tensões entre escravos e senhores.

Africanos e afro-brasileiros não tinham liberdade para cultuar seus santos e deuses, mas muitas vezes tinham permissão para fazê-lo. E permissão não é liberdade. A Constituição do país, promulgada em 1824, definiu o catolicismo como religião oficial do Império, sendo outras religiões permitidas desde que não ostentassem templos. Mas as religiões afro-brasileiras não estavam incluídas nessa tolerância legal porque não eram consideradas religião, e sim superstição, curandeirismo, feitiçaria. Por isso eram consideradas práticas ilegais e muitas vezes criminosas.

Reprimir ou tolerar dependia do momento e das circunstâncias. Por volta de 1820, no Rio de Janeiro e em outras cidades do Império, as festas das irmandades negras e os batuques foram severamente reprimidos. A maioria das câmaras municipais aprovou leis proibindo “batuques, danças e tocatas de pretos”. Em parte essa legislação terminou surtindo os efeitos desejados pelas elites imperiais, pois, até o final do século, a quantidade de pessoas e a pompa das procissões diminuíram sensivelmente. Depois da independência, as autoridades passaram a proibir danças e procissões organizadas pelas irmandades, como a do Rosário do Campo de Santana, no Rio de Janeiro. As autoridades justificavam essas proibições afirmando que as festas causavam bebedeiras e incomodavam a vizinhança. Na verdade, as autoridades temiam e tentaram impedir que as festas dessem lugar a desafios contra a ordem estabelecida.

Para fugir à repressão, africanos e crioulos buscavam praticar suas religiões em locais afastados dos centros urbanos, ou recorriam a outros artifícios para evitar as

patrulhas policiais e a condenação da vizinhança. Havia muitas casas de culto que funcionavam discretamente nos centros das cidades. Assim, o que parecia ser um batuque inocente e festivo muitas vezes escondia o culto a alguma entidade espiritual. Os negros podiam também explorar as divergências entre as autoridades recorrendo às licenças de juízes de paz e subdelegados. Para sobreviver em tempos de repressão, as religiões afro-brasileiras buscaram alianças com pessoas mais privilegiadas.

Enfim, na labuta cotidiana, na família e nas irmandades, terreiros e grupos islâmicos os escravos africanos e seus descendentes estabeleceram vínculos que permitiram a recriação de valores e referências culturais vivenciadas na África. Inventaram também seus próprios meios para alcançar a liberdade (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

### **3.1.2 O Candomblé**

O Candomblé caracteriza-se como religião relacionada ao culto dos orixás de origem familiar e totêmica<sup>3</sup> da África que veio para o Brasil e se destaca no Estado do Nordeste, mas, também é praticada em países como Uruguai, Argentina e Venezuela (NASCIMENTO, 2010).

Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006), a mais antiga referência escrita ao termo candomblé é do início do século XIX, na Bahia. Sua origem vem de um termo oriundo da região de Angola, que significa culto ou oração. Sabe-se que tanto nas cidades como nas áreas rurais, as religiões africanas (ou afro-brasileiras) foram importante fator de agregação dos escravos e libertos.

Trata-se de um ritual religioso, onde acontece uma cerimônia, a qual reúne dança, batuques e práticas de feitiçaria. De acordo com Senna (apud CASTRO, 2008, p. 27): “candomblé: nome afronegro, alterado de candombe ou candombé, vindo do quimbundo [...] por intermédio dos escravos procedentes de Angola”. Originalmente da língua dos nativos de Angola há a expressão quiadubinéi e alterada pelos crioulos em quiandublé, significando o que é carnal, lascivo, ou luxurioso; como ainda certas práticas religiosas: no ritual afronegro das macumbas, cangerês e catimbós.

---

<sup>3</sup> Qualquer objeto, animal ou planta que seja cultuado como Deus ou equivalente por uma sociedade organizada em torno de um símbolo ou por uma religião.



**Figura 19.** Ilustração do culto aos orixás no candomblé.  
**Fonte:** ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006.

Praticado, principalmente pelas Irmandades Negras existentes no Brasil, o Candomblé distingue-se da Umbanda por manter suas características ancestrais e preservar antigos ritos, como o sacrifício de galinhas e bodes (Figura 19).

Segundo Boaes (2009, p. 89):

O candomblé figura como a expressão da religiosidade africana no Brasil, pois está mais próximo das raízes, ou seja, da África. Apostando nessa pureza, os adeptos dos candomblés e dos movimentos negros, preferem referir-se a sua religião como religiões de matriz africana, ou do sagrado africano, em detrimento de religiões afro-brasileiras, sendo que esta expressão reservam à umbanda, a jurema e outras denominações tidas como “não puras”.

Diante do exposto, pode-se acrescentar ainda que o Candomblé é a mais tradicional e autêntica das religiões africanas. No Brasil, começou a ser praticado no Nordeste, mais especificamente na Bahia e também faz parte das tradições religiosas afro-brasileiras em que os chamados “pais-de-santos” buscavam re-africanizar a religião. Contudo, isto foi possível em parte, porque a rota dos navios entre Nigéria e Bahia, conservou viva a conexão com a África. Isso continuou mesmo depois da abolição da escravidão em 1888 (JENSEN, 2001).

Mais adiante, após a abolição da escravidão no Brasil, os negros africanos libertos puderam voltar às suas origens, ou seja, para as áreas dos Yorubás, onde foram iniciados no

culto dos Orixás e então, ao retornar ao Brasil, puderam fundar terreiros a revitalizar a prática religiosa, e foi através do Candomblé que as religiões afro-brasileiras começaram a aparecer, fazendo com que o conceito de nação ganhasse um novo significado, utilizando os símbolos de transmissão das tradições religiosas locais para marcar a sua identidade étnica.

### 3.2 DANÇAS E RITMOS

No campo semântico da música, há várias danças, folguedos e cantigas que foram introduzidas nos costumes do Brasil por negros africanos que vieram no período da escravidão. Entre elas: bumba-meu-boi, congado, jongo, lundu, maracatu e samba.

Essas festas contagiaram a cultura brasileira originando músicas e ritmos que se popularizaram. O que é para o Brasil uma contribuição cultural, para os negros escravos era imenso conforto aos seus duros sofrimentos no cativeiro.

Através destas festas, surge um dos elementos mais importantes da cultura popular africana: os tambores. No entanto, falar deles é uma tarefa difícil, pois não são apenas tal como os vemos, têm em si conotações naturais e sobre naturais, ligados aos rituais que se relacionam às danças, à música.

Apesar da diversidade dos ritmos musicais que caracterizam a África Negra através de sua expressiva cultura musical nas mais diversas nações das Américas, é escassa a bibliografia para abordar este elemento antropológico (CASTRO, 2008).

Constata-se, no entanto, que, para a civilização negra-africana a visão do mundo é unitária. Nenhum domínio é autônomo. O mesmo espírito anima e liga a filosofia, a religião, a sociedade e a arte negra-africana. As artes na África Negra estão interligadas: o poema à música, a música à dança e todos à religião.

#### 3.2.1 Bumba-meu-boi

O Bumba-meu-boi ou boi-bumbá são termos a uma das principais danças relacionadas às manifestações folclóricas brasileiras. Segundo Castro (2004), tem um significado simbólico em todas as ações feitas pelos seus praticantes. Pode-se ver na figura do boi uma referência aos faraós do Egito que adoravam o Boi Ápis, deus da fertilidade. Seus praticantes utilizam uma cabeça de boi empalhada e no corpo vestem tecidos coloridos e bastante enfeitados (Figura 20).



**Figura 20.** Ilustração da manifestação de bumba-meu-boi.  
**Fonte:** CASTRO, 2008.

Etiologicamente, a palavra bumba, de acordo com Houaiss (2001 apud CASTRO, 2008, p. 23, “é de origem controvertida, provavelmente do *quicongo mbumba* ‘bater’”.

Esse ritmo folclórico chegou da África como empréstimo e se integrou ao português do Brasil com algumas variantes: *boi-bumbá*; *boi-dereis*; *bumba-boi*, *boi-surubi*; *boi-calemba* ou *boi-de-mamão*.

No Brasil, as apresentações são realizadas praças públicas por várias regiões brasileiras, principalmente no Norte e Nordeste, principalmente no Estado do Maranhão. Contudo, existem diversas variações nominais e diferentes posições no calendário.

### 3.2.2 Congado

A festa do congado ou de reinado se apresenta como uma manifestação de construção de uma identidade e uma cultura híbridas que através da memória coletiva celebra a história e o passado do povo africano. A tradição, no qual são apresentadas a organização e a hierarquia de um reino, seus costumes e valores culturais que, através de uma ressignificação, trazem marcas de diversos povos, que como o brasileiro, é um povo híbrido, que luta pela valorização das diferentes formas de constituição de sua identidade e de sua cultura (VASCONCELOS, 2007).

O Congado, também citado como Reinado está diretamente ligado à história do aparecimento de Nossa Senhora do Rosário, fundadora das irmandades dos homens pretos. Também é conhecido como Dança dos Congos e Dança de congada. Castro (2008, p. 25) define o termo como: “auto popular durante o qual se celebra a coroação do rei do Congo, o Manicongo, e da rainha Jinga”.

A festa do congado, em seu significado simbólico, representa a coroação do rei congo ou do rei perpétuo e a presença do rei que tem seu reinado anual é um ritual ambivalente porque na coroação está contida a ideia do futuro destronamento. As relativizações dão ênfase à mudança-renovação de qualquer poder e posição hierárquica. No discurso a complexidade, as contradições, os conflitos sócio-ideológicos e históricos.



**Figura 21.** Ilustração do congado nas ruas da cidade.  
**Fonte:** CASTRO, 2008.

O festejo do Congado nasceu das práticas rituais desenvolvidas nas irmandades negras coloniais, as quais forneciam oportunidades de inserção social, promoção hierárquica e reconhecimento social em um mundo caracterizado pela mobilidade e fluidez dos brancos (Figura 21). Dessa forma, na colônia brasileira, construída com os esforços da mão-de-obra

escrava, a inserção dos africanos em confrarias aparecia como a solução mais natural para os problemas de integração e evangelização.

Segundo Vasconcelos (2007), o congado é uma festa popular e religiosa na qual, por meio de uma memória coletiva, o negro mantém viva a expressão de seus costumes, crenças e valores histórico-culturais.

### 3.2.3 Jongo

O jongo, também conhecido como caxambu, dança de umbigada e jongada é um ritmo tipicamente brasileiro, apesar de ser praticado pelos escravos negros nos terreiros das fazendas e senzalas, com uma variedade de batuque vindos da África, pode-se dizer que essa dança é um dos ancestrais do samba.

Segundo Gandra (1995, p. 16), “o jongo é uma dança de roda, da qual participam homens e mulheres, realizada ao ar livre e à noite; conta a tradição oral dos jongueiros que era dançada pelos escravos, que a transmitiram a seus descendentes”.



**Figura 22.** Ilustração da dança do jongo  
**Fonte:** CASTRO, 2008.

Geralmente, são tocados com dois tambores, sendo um mais grave, o caxambu e um mais agudo, o candongueiro (Figura 22). As letras dos cantos relatam, entre outras coisas, o cotidiano desse povo. Conforme Houaiss (Vasconcelos, 2007, p. 38): “solistas no centro e eventual presença da umbigada [...] cujo canto é do tipo estrofe e refrão”.

Segundo Guerra (2009, p. 03):

O jongo é acompanhado dos tambores Tambu e Candongueiro, dos Guaiás (chocalhos) e da Angoma-puíta (cuíca). O canto é responsorial, há uma marcação com o pé direito quando os casais se encontram, e a improvisação corporal revela os movimentos gíngados no prazer do encontro.

Desta forma, pode-se observar que o jongo é uma forma de expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos mágico-poéticos. Suas raízes estão ligadas aos saberes, aos ritos e às crenças dos povos africanos que utilizavam a língua banto. Consolidou-se entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar localizadas no Sudeste brasileiro, principalmente no vale do Rio Paraíba do Sul.

Sendo assim, o jongo é um elemento de identidade e resistência cultural para várias comunidades e também espaço de manutenção, circulação e renovação do seu universo simbólico. Dentre as modalidades de jongo, destacam-se o jongo rasteiro e o jongueiro-cumba.

### 3.2.4 Lundu

A partir do século XVIII foi criada no Brasil uma modalidade de dança que seria conhecida, já no início do século seguinte como lundu. Apesar de ser considerada uma dança nacional e uma das mais antiga dança brasileira da qual conhecemos musicalmente, o lundu teve influência direta do escravo negro.

Conforme Houaiss (apud CASTRO, 2008, p. 27) Lundu, trata-se da:

Designação de várias canções populares inspiradas em ritmos africanos que foram introduzidas em Portugal e no Brasil a partir do século XVI e dança de par separado, de origem africana, em compasso binário com primeiro tempo sincopado; mulundu, trazida pelos escravos bantos, com meneios e requebros de forte apelo sensual, manteve esse caráter jocoso e tornou-se dança de salão muito em voga no Brasil do século XIII ao início do século XX.

No entanto, Castro (2008) acrescenta que no Brasil o lundu tem um gênero musical cômico com letras engraçadas e cheias de duplo sentido, que levavam os ouvintes às

gargalhadas muitas vezes. Da África, ela herdou a base rítmica, uma certa malemolência e seu aspecto lascivo, evidenciado pela umbigada, os rebolados e outros gestos que imitam o ato sexual (Figura 23).

A prática da dança do Lundu envolve uma encenação do assédio e da conquista sexual de um homem sobre uma mulher. Em grande parte da dança a mulher esnoba o pretendente, usando de meneios que visam seduzi-lo. Ao final da cena deve ocorrer o clímax do ato sexual, quando o casal pode até deitar-se no chão para representar melhor o dito ato e depois os casais voltam a dançar em pé no salão normalmente (GUERRA, 2009).



**Figura 23.** Ilustração da dança lundu.  
**Fonte:** CASTRO, 2008.

Mesmo sendo praticado pela população afro-brasileira, o lundu foi uma dança apreciada pelos portugueses, que a contemplavam como um espetáculo de origem popular. Desta forma, é bem possível que o lundu tenha passado por transformações ao longo do tempo, seja em sua versão popular, seja em sua adaptação portuguesa.

### 3.2.5 Maracatu

Uma das mais conhecidas manifestações folclóricas do Brasil, o maracatu é uma dança tipicamente nordestina, no entanto, ela foi criada pelos negros escravizados, com

manifestações que dizem respeito à cultura da África. O seu enredo trata-se de um cortejo real de tradição afro-brasileira que desfila pelas ruas, cantando e dançando, depois de prestar homenagem à Nossa Senhora do Rosário. É um folguedo típico de Pernambuco, sendo semelhante aos congados e à *cambinda* da Paraíba.

De acordo com Houaiss (apud CASTRO, 2008, p. 28), trata-se de uma:

Dança em que um bloco fantasiado, bailando ao som de tambores, chocalhos e gonguê, segue uma mulher, que leva na mão em cuja extremidade tem uma boneca ricamente enfeitada (a calunga) e executa evoluções coreográficas [...] e música popular inspirada nessa dança.



**Figura 24.** Maracatu nas ruas de Recife.  
Fonte: REVISTA LIS, 2010.

Tradicionalmente, a parte instrumental é composta apenas por instrumentos de percussão, sendo característicos o gongué (ou agogô), o tarol, as caixas-de-guerra e as zabumbas, mas outros instrumentos são agregados ao chamado maracatu-de-orquestra.

Os maracatus tradicionais de Recife, a exemplo de Porto Rico, Elefante, Leão Coroado e Cabinda Velha eram, e ainda são chamados de “nações africanas”, numa explícita referência às origens nas tradições trazidas ou inventadas pelos africanos. Desde meados do século XIX que essas nações de Maracatu fazem parte das festividades urbanas e rurais, apesar das críticas das autoridades administrativas e religiosas.

Atualmente, a África não tem festejos que incluam o maracatu como manifestação, apesar de sua origem está ligada às raízes culturais daquele Continente. O Brasil, mesmo que adaptando os ritos desta dança, conserva viva, principalmente no Estado de Pernambuco, essa manifestação folclórica que tem um sentido simbólico importante para seus praticantes e faz parte da cultura brasileira de uma forma artística.

### 3.2.6 Samba

O Samba é um ritmo africano que surgiu no Brasil, mais especificamente, no Rio de Janeiro, inspirado nas dançarinas dos cultos africanos, denominadas de “sambas” (Figura 25). Estas possuíam grande destaque nos festejos de Momo, pela sua característica forma de dançar balançando os quadris.



**Figura 25.** Ilustração do samba como dança.  
**Fonte:** CASTRO, 2008.

Os primeiros registros da palavra apareceram no nordeste em um texto impresso no começo do século XIX por um padre chamado Lopes Gama [...]. A primeira música, oficialmente, foi em 1917 com a gravação de ‘Pelo Telefone’ da dupla Donga/Mauro de Almeida. Alguns analisam que essa música possui características fortes que lembram muito o

ritmo maxixe e, que, portanto, não é samba. Há outras versões que dizem existir outras gravações de samba que datam entre 1912 e 1914.<sup>11</sup>

De acordo com Aurélio (apud CASTRO, 2008, p. 28):

Samba é do quimbundo semba, ‘umbigada’, do umbundo samba, ‘estar animado, estar excitado’ ou do iorubá e outras línguas bantas, samba, ‘pular, saltar com alegria’ [...] dança cantada, de origem africana, compasso binário e acompanhamento obrigatoriamente sincopado.

Ao longo do tempo o samba sofreu muitas variações no Brasil e dividiu-se em subgêneros com características próprias. Originalmente, o samba variou e suas principais modalidades mais importantes são: samba no pé, samba de gafieira, samba de enredo, samba de raiz, samba de roda, samba carioca e samba do morro.

Quando se fala em *samba no pé*, diz respeito ao conjunto gestual realizado pelos dançarinos. É o dançar para si próprio e com os que estão em volta. É deixar o corpo sentir as batidas e passar isso para os pés. Segundo Castro (2008), sua origem se confunde com a própria história do samba e do carnaval. Sambar no pé sempre significou liberdade e descontração.

No caso do *samba de gafieira* foi assim denominado devido originalmente era dançado em cabarés e gafieiras, daí o nome, localizados em sobrados do Rio de Janeiro.

Já o *samba enredo* tem uma história mais densa e tem sua importância nas Escolas de Samba que desfilam no Carnaval. Trata-se de um discurso de uma (ou de várias) categoria social marginalizada socioeconômica e politicamente, que pode, às vezes, questionar sua própria marginalização. Pensamos encontrar nesta manifestação carnavalesca elementos que demonstrem a existência de procedimentos contestatórios, quiçá subversivos, nas práticas discursivas estabelecidas pelo sistema político implantado em março de 1964 e vigente até as eleições diretas, em 1989.

O *samba carioca* se apresenta desde sua origem como um elemento de expressão da identidade cultural da população negra. Se identifica diretamente com a camada pobre da população, sobretudo a de origem negra. Num primeiro momento reprimido pelos poderes constituídos por ser identificado à baderna e à malandragem, o samba era praticado pela população marginalizada econômica e socialmente.

O *samba do morro* é uma derivação do samba carioca, porém trata de temas diversos como malandragem, mulheres comportadas, favelas.

Além dos subgêneros que já foram apresentados, existem ainda vários outros. Pode-se acrescentar ainda, que o samba é considerado um símbolo nacional, apesar de ter sua origem nas tradições africanas. Sua importância é tamanha no Brasil que foi criado o dia nacional do samba, comemorado em 2 de dezembro.

### 3.2.7 Capoeira

Procedente da africana, a Capoeira como manifestação constitui o maior e mais valioso contributo à formação da identidade cultural brasileira. Enquanto forma de expressão corporal, possui uma linguagem própria, na qual cada gesto significa e representa ideias e sentimentos, emoções e sensações. Segundo Adorno (2008) As origens do jogo da Capoeira se encontram no princípio da nação brasileira, e seu desenvolvimento acompanhou o relacionamento de negros, brancos e índios no continente americano.



**Figura 26.** Ilustração da Capoeira.  
**Fonte:** CASTRO, 2008.

De acordo com Adorno (2008, p. 08):

As origens do jogo da Capoeira se encontram no princípio da nação brasileira, e seu desenvolvimento acompanhou o relacionamento de negros, brancos e índios no continente americano. A terra descoberta aos olhos do colonizador seria o berço de uma nova cultura - fruto das peculiaridades do ambiente e da forma em que se processavam as relações entre os conquistadores europeus; os ameríndios - primeiros senhores do continente; e os africanos - trazidos à força para realizar todo o trabalho.

A Capoeira é considerada um jogo, uma modalidade de luta que também apresenta aspectos da dança. Ela chegou ao Brasil através dos negros angolanos, firmando-se no recôncavo baiano. É marcada pela música, composta pelo som de berimbaus-de-barriga, pandeiros, caxixis e reco-recos (Figura 26).

Quando veio da África para o Brasil, a Capoeira tornou-se estilo de luta. Desde a colonização, essa manifestação de resistência e busca da liberdade do forte sistema opressor, era o instrumento usado principalmente durante as fugas. Desarmado, o escravo tinha que utilizar técnicas de manejo do corpo, desfechando golpes certos, em momentos oportunos contra seus perseguidores. Com isso, muitas vezes ganhava a luta e também a liberdade. Essa luta, na maioria das vezes acontecia em terreno de pouco mato e de vegetação rasteira, denominada em língua tupy de *caá-puera*, tal localidade iria dar nome a esse tipo de luta. Daquela época em diante, essa luta influenciou na nova movimentação que surgiu, sendo transformada numa importante forma de defesa e ataque, que foi sendo aprimorada ao longo do tempo (COLOMBO, 2010).

Ao relacionar a Capoeira a um jogo, pode-se afirmar que constitui-se na primeira e original manifestação libertária da cultura brasileira. É através o corpo e a força dos ritos que preservam os mitos e os arquétipos da nossa gente. Participando ativamente da resistência comum às variadas formas de dominação física e cultural, desde o seu aparecimento nas terras brasileiras, a Capoeira insurge-se em defesa da construção de uma nova identidade coletiva.

Mesmo assim, durante muito tempo, a Capoeira foi alvo de discriminação por parte das autoridades brasileiras, tanto é que em 1890 ela foi proibida no Brasil, acarretando em severas punições a quem fosse pego praticando esse jogo. Apesar do banimento, a capoeira resistiu e sua sobrevivência está assegurada pela ação dos inúmeros praticantes que compreenderam a importância dessa forma exclusiva e magnífica de expressão corporal, cultivando a graça e leveza dos movimentos, as possibilidades técnicas e plásticas de traduzir fisicamente elasticidade, flexibilidade e controle. Tudo isso temperado com muita malícia. E o que é mais importante, sem esquecer a finalidade da luta: a liberdade - que resume o objetivo a ser alcançado e o caminho a percorrer.

### 3.3 CULINÁRIA

Não há como negar a contribuição do africano para a cultura brasileira em seus diversos aspectos, sobretudo, na culinária. Quando misturadas com produtos do Brasil, como condimentos e especiarias, a culinária africana tem uma identidade única com sabor e textura inigualáveis.

No período de 300 anos de escravidão o negro africano teve uma participação importante na culinária da sociedade brasileira, com uma base nutricional na produção agrícola. Nas cozinhas coloniais comandadas pelas negras africanas foram inventados pratos, adicionados novos temperos e adaptados ingredientes indígenas e africanos ao paladar das famílias no Brasil (COLOMBO, 2010).

Com essa introdução de novos ingredientes e o preparo dos diversos temperos de origem local e vindos da África, a culinária africana foi no Brasil reinventado com a necessidade de suprir sua própria demanda, os negros passaram a adaptar seus hábitos culinários aos ingredientes da colônia.

A falta de alguns ingredientes de origem africana, eram adaptados outros que tinham função semelhante. Sendo assim, na falta do inhame, usaram a mandioca; carentes das pimentas africanas usaram e abusaram do azeite-de-dendê, que já conheciam da África. A carne que antes era obtida através da caça em savanas africanas, no Brasil teve que abater tatus, lagartos, cutias, capivaras, preás e caranguejos e preparados nas senzalas.

As características no preparo das carnes da cozinha africana era os assados e o caldo, devido ser de simples preparo e com a utilização de poucos condimentos. No Brasil, essa prática popularizou o pirão já conhecido pelos índios, mistura do caldo com farinha de mandioca e o angu (caldo com farinha de milho).

O jeito de cozinhar africano incorporou elementos culinários e pratos típicos portugueses e indígenas, transformando as receitas originais e dando forma à cozinha brasileira.

A vinda dos africanos não significou somente a inclusão de formas de preparo e ingredientes na dieta colonial. Representou também a transformação da sua própria culinária. Muitos pratos afro-brasileiros habitam até hoje o continente africano, assim como vários pratos africanos reinventados com o uso de ingredientes do Brasil, como a mandioca, também fizeram o caminho de volta (COLOMBO, 2010).

No que se refere aos ingredientes africanos que vieram para o Brasil durante a colonização, trazidos pelos traficantes de escravos e comerciantes, esses constituem hoje importantes elementos da cultura brasileira. Seu consumo é popular e sua imagem constitui parcela importante dos ícones do imaginário do país.

Vieram da África, entre outros, o coco, a banana, o café, a pimenta malagueta e o azeite-de-dendê. Sobre este, dizia Câmara Cascudo (apud COLOMBO, 2010, p. 17): “O azeite-de-dendê acompanhou o negro como o arroz ao asiático e o doce ao árabe”. No Nordeste, são também populares o inhame, o quiabo, o gengibre, o amendoim, a melancia e o jiló.

A mão que mexeu o caldo da formação culinária e, conseqüentemente, cultural brasileira foi negra. Por mais que as mestiçagens acontecessem por todos os lados – como é praxe no Brasil –, no final, foram os negros que meteram a mão na massa. Por isso, tudo o que o brasileiro típico come hoje, desde o arroz com feijão mais básico até a mais elaborada paella, tem um resquício das mentes criativas da senzala, que uniram o paladar europeu às tradições indígenas e africanas. Formou-se uma gastronomia leve e densa, simples e sofisticada, forte e sutil. Um paradoxo de sabores e influências, tão diverso quanto o Brasil.

### 3.4 LÍNGUA

Antes de tratar da influência das línguas africanas no linguajar brasileiro, convém avaliar da maneira mais sucinta, a realidade linguística do continente africano. Como já foi tratado neste estudo (capítulo I), as línguas africanas seriam mais de 2000.

No entanto, relação entre o português falado no Brasil e as línguas africanas foi, primeiramente pressuposta, depois afirmada, em seguida matizada ou negada, sendo objeto de um vivo debate, desenvolvido, sobretudo no século XX, em termos seja de “influência”, seja de “semicrioulização” ou ainda de “crioulização”. Geralmente, essa relação foi concebida unidirecionalmente, indo das línguas africanas para o português, encarando-se as primeiras quase exclusivamente em relação à língua portuguesa e, ademais, sob um ângulo pejorativo, como um fator potencialmente danoso, suscetível de trazer prejuízo à integridade da língua herdada desde a época dos descobrimentos no século XVI. Para compreender melhor esse debate, convém traçar seu histórico.

Silva Neto (1950 apud BONVINI, 2007) sustenta que no Brasil houve somente falares africanos episódicos, crioulos e semicrioulos, que eram apenas uma deformação e uma simplificação do português. Atualmente, além do uso constante no Candomblé e nas manifestações culturais da Bahia, seus vestígios são os dialetos rurais. Foi a ascensão social do mestiço que transformou o português padrão em ideal linguístico e levou ao desaparecimento dos crioulos e semicrioulos.

Portanto, a língua africana apesar de diversificada e utilizada massivamente no Brasil com a vinda dos negros escravizados, não foi uma influência considerável na língua brasileira, pois foram os africanos que incorporaram a língua portuguesa ao seu diálogo cotidiano, ainda que de forma compulsória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar um estudo sobre a influência da cultura africana no Brasil, constatou-se inicialmente o pouco dado a um povo que tem, independente da cor da pele, suas raízes na África. Há um equívoco quando compara-se raças com etnias – ou pouco se fala em etnias –, normalmente qualificando o africano como negro, colocando sua cor de pele acima do grande legado cultural que este trouxe para o Brasil, deixando claro que cada povo que foi trazido forçadamente, trazendo sua carga cultural junto de si, e que não vieram todos da mesma região, como afirma Prandi (2000), quando diz que a pluralidade cultural das etnias africanas muito contribuiu para a formação da cultura nacional com elementos que atingem desde a língua, a culinária, a música e arte diversas, até valores sociais, representações míticas e concepções religiosas.

No entanto, a identificação com a África nem sempre é assumida com orgulho pela maioria dos brasileiros e, neste sentido, a eloquência do mito da democracia racial no Brasil no ideal de branqueamento, sustentado pela mestiçagem, influencia nos contornos na identidade coletiva dos brasileiros descendentes da África induzindo-os aos refúgios simbólicos dos mitos e heróis nacionais, os quais, não os representam.

O fortalecimento desta construção identitária dos afro-brasileiros passa pelo trabalho de reconstrução do seu lugar social, marcado por múltiplas rupturas e traumatismos na trajetória de sua própria história. Portanto, os grupos, os qual os indivíduos estavam identificados social e economicamente definem, o perfil de seus integrantes, estabelecendo padrões próprios de ideal e auto-estima.

Os povos africanos que eram trazidos para o Brasil tiveram uma imensa relevância na formação da cultura e do povo brasileiro. A riqueza e a diversidade cultural do Brasil estão intimamente ligadas ao povo africano. Apesar do controle europeu através de portugueses, italianos, espanhóis e holandeses, a cultura brasileira encontra nas raízes africanas um patrimônio cultural que está presente até hoje.

Segundo Vergueiros (2006), a relação da África com o Brasil tem suas origens na colonização. Não é possível pensar em uma cultura brasileira separada da africana, pois ela está presente em todos nós, na religião, música, comida, etc. e em todos os cantos do país há marcas da cultura africana.

Vale salientar que a cultura brasileira presente em seus habitantes é uma herança social provinda de muitos povos. Porém, nosso povo adotou de forma abrangente a cultura africana em sua bagagem cultural de forma muito peculiar. Há traços da África em todas as

manifestações culturais brasileiras, pode-se dizer que os africanos não apenas contribuíram com a formação da cultura brasileira, eles fazem parte dela, apesar da sociedade brasileira sempre negar o fato.

A mistura dessa carga cultural africana com a cultura europeia trazida pelos portugueses fez surgir assim, a cultura brasileira. Na inevitabilidade desse processo de influências culturais recíprocas e em resistência a ele, o negro terminou impondo, de forma mais ou menos subliminar, alguns dos mais significativos valores do seu patrimônio cultural na construção da sociedade nacional emergente no Brasil. Por sua vez, esses valores determinados foram absorvidos pela sociedade brasileira como símbolos de identidade nacional, mas sem considerar o desempenho consequente de seus verdadeiros autores na modelagem da cultura brasileira.

Mesmo com o preconceito que ainda existente até hoje, a cultura africana foi incorporada pela cultura brasileira, mas é muito importante salientar que de forma diferente de como incorporamos a cultura europeia. Com a vinda de africanos para o Brasil ainda no século XVI, sendo utilizados nos engenhos açucareiros e na plantação de cana-de-açúcar, além do trabalho nas minas, com a utilização desse tipo de mão de obra por mais de trezentos anos, sendo que estes povos nunca puderam voltar para suas origens, esses povos africanos trouxeram nos porões dos navios negreiros muito mais do que mãos fortes para o trabalho pesado, trouxeram uma memória, danças, músicas, crenças, varias línguas e dialetos, uma culinária própria que aqui no Brasil com a falta de suas peculiaridades da terra de onde vieram foi se misturando aos alimentos que aqui estavam de fácil acesso para eles e criando uma culinária própria, muito parecido com o que aconteceu com suas crenças.

Através da música que faziam os negros esquecerem os maus tratos e lembrar da terra distante encontrou-se uma forma de manifestação que foi assumida pelo povo brasileiro com alegria; a religiosidade também tem uma forte participação na cultura brasileira, que apesar de ter que adotar signos cristãos auxiliava o negro a curar suas doenças e manter o contato com suas divindades e os dialetos africanos facilitavam a comunicação entre eles na nova terra, que séculos depois adotaria varias dessas palavras no seu vocabulário.

Além dessas manifestações muitas outras foram incorporadas no cotidiano do povo brasileiro, mostrando a contribuição dada pelos povos africanos escravizados para a construção da cultura do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Camille. **Arte da capoeira**. 15. ed. revista e atualizada. Goiânia-GO: Gráfica e Editora Kelps, 2008.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Brasília-DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ARAÚJO, Emanuel. **Viva Cultura, Viva o Povo Brasileiro**. Museu Nacional: São Paulo, 2007.

ARBOLEYA, Valdinei José. Arte Africana ou Artes Africanas? **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, a. I, n. 3, nov. 2008.

AUGUSTO, Teixeira. **Ritmos Angolanos**. 2009. Disponível em: <[https://ecom.amenworld.com/WebRoot/ce\\_pt/Shops/280870/MediaGallery/Ritmos\\_Angolanos.pdf](https://ecom.amenworld.com/WebRoot/ce_pt/Shops/280870/MediaGallery/Ritmos_Angolanos.pdf)>. Acesso em: 12 jan 2011.

BATISTA Luiza Helena Candida da Silva; CARVALHO, Simone Aparecida de. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro**. Alegre-ES: FFCL, 2009.

BAYER, Adriana Elisabete; JORGGE, Adriana. **A teoria da práxis e as fronteiras imaginárias**: em foco O adivinho que escapou da morte, de Reginaldo Prandi. 2009. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/do-texto-ao-leitor.pdf>>. Acesso em: 14 fev 2011.

BOAES, Giovanni. África e Brasil: separação simbólica/social no campo das religiões afro-possesores. **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 14, p. 86-94, set de 2009. Disponível em: <[www.cchla.ufpb.br/caos](http://www.cchla.ufpb.br/caos)>. Acesso em: 22 abr 2011.

BONVINI, Emílio. **Palavras de origem africana no português do Brasil**: do empréstimo à integração. In NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Orgs.). História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro. São Paulo: Ed. Pontes, 2002. p. 150.

CARRERA, Francisco. **Religiões na África**: Convivência e colaboração. 2003. Disponível em: <<http://latinoamericana.org/2003/textos/portugues/Carrera.htm>>. Acesso em: 12 jan 2011.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Dimensão dos aportes africanos no Brasil**. Salvador-BA: UFBA, 2006.

CASTRO, Marília de Cássia Souza de. **Danças**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

COLOMBO, Sylvia. **Comida africana**: africanos foram forçados a reinventar sua culinária. 2010. Disponível em: <<http://voltadomundo.com/capoeira/mama-africa/blog>>. Acesso em: 25 abr 2011.

FERRETTI, Sergio F. **Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural**. São Luiz-MA: UFMA, 2010.

GANDRA, Edir. **Jongo da Serrinha**: do terreiro aos palcos. Rio de Janeiro, GGE, 1995.

GÓIS, Dejanira Oliveira. **Um pouco da cultura da África**. 2009. Disponível em: <[http://nucleobaoba.blogspot.com/2009\\_08\\_01\\_archive.html](http://nucleobaoba.blogspot.com/2009_08_01_archive.html)>. Acesso em: 12 jan 2011.

GOMES, Geraldo. **Senzala do Engenho Uruaê**. 2010. Disponível em: <<http://dosaofranciscoamazonas.blogspot.com/2010/07/casa-grande-do-engenho-limeira-senzala.html>>. Acesso em: 15 abr 2011.

GREINER, Christine. PolissEmias culturais. Editorial. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v.34, n. 2, p.09-11, dez. 2008.

GRIGOLETTO, Sérgio. **O que é cultura**. 2008. Disponível em: <<http://www.clubeletras.net/blog/cultura/o-que-e-cultura-2/>> Acesso em 08 fev 2011

GUERRA, Denise. Corpo: som e movimento. Danças brasileiras de matriz africana: Quem dança, seus males espanta! **Revista África e Africanidades**, Salvador-BA, a. 1, n. 4, Fev de 2009.

JENSEN, Tina Gudrun. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização. Trad. Maria Filomena Mecabô. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 1, pp. 21, 2001.

KLEIN, Roi Hentoni. **Religiões tradicionais africanas**. Blumenau-SC: FURB, 2010.

LEMOS, Cláudia Santana; FERREIRA, Neliane Maria. **A escravidão negra no Brasil**: análise dos aspectos cultura e trabalho por meio das obras de Johann Moritz Rugendas e Jean Baptiste Debret. Uberlândia-MG: UFPB, 2010

LIMA, Claudia. **Reflexão sobre a história do negro no Brasil**. 2010. Disponível em: <[http://www.claudialima.com.br/pdf/REFLEXAO\\_sobre\\_a\\_historia\\_do\\_negro\\_no\\_brasil.pdf](http://www.claudialima.com.br/pdf/REFLEXAO_sobre_a_historia_do_negro_no_brasil.pdf)>. Acesso em: 24 mar 2011.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da preta**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

MELTZER, M. **História ilustrada da escravidão**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, a. 9, n. 27, p. 923-944, dezembro de 2010.

NASCIMENTO, Thiago. **A história e a cultura da África e suas implicações com a cultura brasileira na atualidade**. 2008. Disponível em: <<http://eudesenholettras.wordpress.com/author/jesuschristohumano/>>. Acesso em: 22 jan 2011.

OLIVEIRA, Marlon Anderson de. Os efeitos da colonização na construção da identidade do povo nordestino. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. **Revista de Humanidades**, Caicó-RN, v. 9. n. 24, set/out, 2008.

PASSOS, Walter. **A revolta dos negros, o islamismo e a escravidão**. 2010. Disponível em: <<http://cnnbca.blogspot.com/2010/01/revolta-de-zanj-revolta-dos-negros-o.html>>. Acesso em: 03 mar 2011.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **Sansões e Guaxos Suicídio Guarani e Kaiowá: Uma Proposta de Síntese**. São Paulo: USP, 2006.

RODRIGUES, Pedro Eurico. **Visão dos Autores sobre: Definição de Escravidão, Origem de Escravidão na África, Comércio, Escravidão Domestica, Escravidão e centralização política**. Recife-PE: UNEGRO, 2007

RODRIGUES, Ricardo Alexandre. **África: objeto da história, sujeito nas artes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. **África: culturas e sociedades**. São Paulo: USP, 2005.

SANTOS, Erisvaldo P. dos. **A educação e as religiões de matriz africana: motivos da intolerância**. Belo Vale do Aço-MG: UNILESTE, 2006.

SILVA, Thais Aparecida da. **A contribuição da educação física na educação das relações étnico-raciais**: uma leitura de projetos escolares. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2009.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. Ática: São Paulo: 2008.

VAINFAS, Ronaldo. **Colonização, miscigenação e questão racial**: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. Rio de Janeiro: UFF, 2003.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. 6. ed. Rio de Janeiro: Corrupio, 2002.

VERGUEIROS, C. M. A. **Refugiados africanos no Brasil alguns aspectos políticos, culturais, históricos e sociais**. Araraquara-SP: USP, 2006.